

Mande notícias do estágio 2022.2

Editorial

Escola de cor. Cor de pele, que pele? A pele que habitamos e que quer se fazer brilhante na escola. O arco-íris do desejo de falar sobre nossas coloridas práticas no estágio.

Este projeto de jornal nasce do desejo de romper com a tradição dos imensos relatórios de estágio supervisionado e desafiar nossos estagiários a escreverem com suas poéticas particulares, o que é também o desejo dos professores orientadores do estágio. O jornal nasce desses desejos e de uma conversa entre os dois professores do estágio supervisionado; Alexandre Santiago e Eduardo Loureiro Jr.

Socializamos aqui nossos sonhos e nossos desafios, que a cada artigo expõem sentimentos diversos e muitas vezes antagônicos em relação à prática pedagógica em uma disciplina alvo de muitas inquietações e desafios.

Caro leitor, cara leitora, você encontrará relatos de experiências acerca de atividades realizadas no estágio do ensino fundamental e que poderão perceber as potências dos primeiros encontros com esse nível de ensino com alunos cheios de expectativas, projetando planejamentos, mas também a decepção e o horror com a atual situação das nossas escolas e das práticas docentes. Tais relatos são também de otimismo e superação, de ressignificar práticas e inspirar as escolas e seus professores com práticas afetivas, lúdicas e inovadoras.

Esperamos que gostem dos nossos relatos, se inspirem, se incomodem, e não saiam indiferentes às leituras.

Alexandre Santiago

Do "Homem de Côr" ao "Escola de Cor"

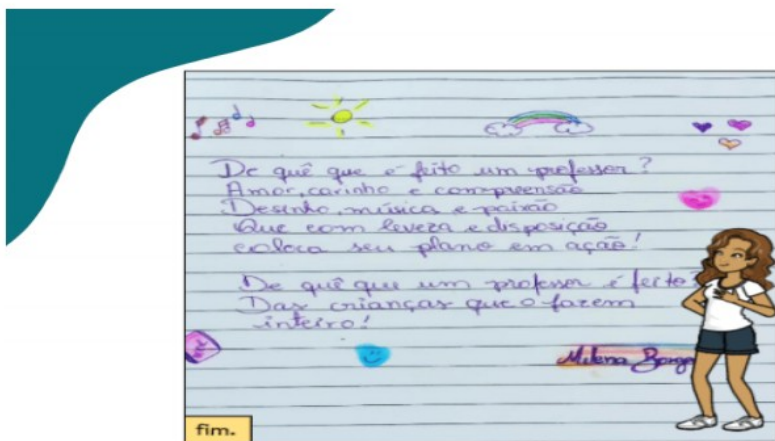
O nome deste jornal, Escola de Cor, foi inspirado no nome do primeiro jornal a tratar dos problemas da população negra e a lutar contra a discriminação racial. "Homem de Côr" foi lançado no Rio de Janeiro em 1833 por Francisco de Paula Brito, tipógrafo e escritor. Promessas de abolição da escravatura e luta por espaços no serviço público eram alguns dos assuntos tratados pelo jornal, que teve apenas cinco edições.



Milena Borges

As turmas de Estágio I no Ensino Fundamental — Anos Iniciais, dos professores Alexandre Santiago e Eduardo Loureiro Jr. contaram com a generosa acolhida das seguintes escolas da rede municipal de ensino da Prefeitura de Fortaleza: Alba Frota, Jacinto Botelho, Madre Tereza de Calcutá e Projeto Nascente. Nossa gratidão a todas as pessoas das escolas: crianças, professora(e)s e funcionária(o)s.

Durante a realização do estágio, para nossa alegria, vária(o)s aluna(o)s foram aprovada(o)s no concurso para professor efetivo da rede municipal de ensino de Fortaleza. Com certeza, nossas escolas ganharão muito com a presença de gente tão capacitada e bem disposta. Para aquelas pessoas que ainda não conseguiram essa conquista, desejamos também boa sorte e sucesso!



DURANTE O PRIMEIRO ENCONTRO COM OS COLEGAS MUITAS EXPECTATIVAS FORAM GERADAS, TANTO EM RELAÇÃO A ESCOLA QUANTO EM RELAÇÃO A ATUAÇÃO QUE IRIA INICIAR.

AFINAL DE QUE É FEITO UM PROFESSOR? COMO SABER SE ESTAMOS PRONTOS PARA ESSA NOVA JORNADA?

CADA INDAGAÇÃO GERAVA ANSIEDADE E ANSEIO, QUE EM POUCO TEMPO PUDERAM SER SANADOS ATRAVÉS DE UM CAMINHO CHAMADO VIVÊNCIA!

Milena Borges

Estética e educação ambiental: quando o lixo se transforma em fruição e produção estética e consciência ambiental

Tal relato de experiência tem como tema "Lixo", em uma turma de segundo ano do ensino fundamental I, dirigida à área de ciências da natureza e possuindo uma interdisciplinaridade com a área de arte-educação na Escola Projeto Nascente.

Visando estimular a consciência crítica dos alunos acerca da realidade presente na nossa sociedade, a aula iniciou-se com a conceituação do que é o lixo, a explicação sobre os seus diferentes tipos (orgânico, inorgânico e eletrônico), onde ele é encaminhado após o uso e qual a maneira certa de fazer o descarte, comentando sobre coleta seletiva e da importância dos três R's (reduzir, reutilizar e reciclar). A aula foi inteiramente dialogada, valorizando as hipóteses e os conhecimentos prévios dos alunos, fazendo-os participarem de todos os tópicos que estavam sendo apresentados.

Dessa forma, aproveitando a animação que a turma estava tendo para participar da aula, as estagiárias referenciaram e mostraram, por meio de impressões, as obras do artista contemporâneo Vik Muniz, um artista plástico brasileiro que produz grandes obras com o lixo e as fotografa. As crianças aproveitaram o momento e fizeram diversos comentários a respeito das obras: enquanto uns se encantaram e soltavam comentários como "Que legal!" Ou dúvidas como: "Nossa! Ele fez isso com o lixo?", outros também estranharam e, como primeira impressão, soltaram um: "eca!".

Necessário ressaltar que a aula teve a preocupação e sensibilidade de realizar a "abordagem triangular", precisa em qualquer aula de artes que objetivo desenvolver cidadãos críticos e pensantes. Então, executaram-se momentos de "apreciar", na qual interpretou-se e incentivou-se o pensamento; o fazer, executando-se e vivenciando-se a prática; e o "contextualizar", na qual objetivou-se conhecer a arte diante a sua realidade. Todos esses tópicos foram desenvolvidos objetivando executar a conceituação do ensino de artes pelo Parâmetros Curriculares Nacional de Artes:

"A educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos,

apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas." (BRASIL, 1997, p.15)

Dessa forma, observando a animação das crianças, as estagiárias propuseram um desafio: produzir uma arte por meio do lixo, relendo as obras de Vik Muniz, e as crianças aceitaram com bastante entusiasmo. Então, as estagiárias afastaram as cadeiras e permitiram que as crianças se sentissem à vontade para sentar-se ao chão. Dividiram a sala em quatro grupos e disponibilizaram cartolinas, canetinhas e lixos orgânicos e inorgânicos, como tampinhas de garrafas, lacres e também cascas de tangerinas e folhas de árvores. Após a proposta de desafio, as estagiárias afirmaram escutar pequenos gritos de felicidade, além de observar pulos e discussões sobre quem faria o quê.

Os alunos amaram a experiência, adentraram na imaginação e ficaram livres para produzirem sua própria arte, valorizando, discutindo e entendendo a importância do lixo.

O primeiro grupo fez uma tela com várias flores, para isso, utilizaram-se de folhas secas, cascas de tangerina, tampas de garrafa, papéis, copos de plásticos e algumas flores de tecido.



Já o segundo grupo fez uma cidade e cada um teve uma participação especial. Observa-se que há várias linhas aéreas, papéis, círculos, criança jogando lixo na lixeira, casa de Ângelo... Essa obra de arte ficou com bastante detalhes, lembra-se a obra "Carnaval de Arlequim" de Joan Miró.



O terceiro grupo também fez uma cidade. Entretanto, diferentemente do segundo grupo, cada um desenharia uma estrutura participante da comunidade, logo, vê-se vias, plantas, flores, gramas e até mesmo um espaço destinado ao lixo, uma vez que a cidade se mostra sustentável.



O quarto e último grupo decidiu fazer uma casa. Vê-se a sua área delimitada e bem representada. Além disso, cada participante também ficou responsável por um elemento da arte. Um foi responsável por fazer o Sol, outro a casa, outro a via e mais um para as nuvens. Utilizaram-se de bastante lixo orgânico, sendo visível papéis, casca de tangerinas, folhas secas, e como lixo inorgânico, tampinhas de garrafas pet.



Por fim, pode-se afirmar que essa regência tocou fundo no coração não só das estagiárias, mas dos alunos também, mostrando que uma aula é um ato de amor e que o conhecimento é livre e pode ser interpretado de diversas formas, uma vez que ele é produzido por pessoas únicas e sensíveis. Além disso, as estagiárias se mostraram bastante contentes com os resultados, visto que as crianças se mostraram felizes e contentes. Outrossim, uma curiosidade é que a criança que teve como reação "eca!" foi uma das que mais se mostrou felizes, levando, até mesmo, a cartolina para casa e deixando as estagiárias com um sentimento de "dever cumprido".

Amanda Maria Regino Moreira
Rafaela Vitória Linhares da Costa

Bola de meia, bola de gude! Brincadeiras e brinquedos dos tempos dos avós

Este artigo tem a finalidade de mostrar um relato de experiência na área de conhecimento de artes e História no Estágio Supervisionado no ensino Fundamental. Escolhemos essa vivência pois foi uma das que houve maior participação e envolvimento por parte dos alunos e da escola, também por conta de ter sido a mais marcante para nós. A mediação foi realizada em uma sala de aula de 2º ano com alunos entre 7 a 9 anos.

Nosso relato de experiência será sobre duas aulas ministradas em dias alternados com o objetivo de que as crianças pudessem experimentar e confeccionar um brinquedo antigo com materiais recicláveis, entender sobre brincadeiras e brinquedos antigos e poder apreciar as obras de arte do artista plástico Ivan Cruz e produzir suas próprias obras de arte, fazendo releituras. A primeira aula foi sobre Brinquedos e Brincadeiras Antigas onde houve uma brincadeira de estourar balões onde haviam perguntas dentro sobre quais brinquedos mais gostavam, quais brincadeiras mais gostavam e etc. Após ouvir os alunos, fizemos uma breve explicação sobre a importância do brincar e do brinquedo e sobre a história do pião. Depois disso, começamos a confecção de um pião com materiais reciclados com toda a turma. Ao final, fizemos uma breve explicação sobre como os brinquedos são formados, conversamos em roda e brincamos de escravos de Jó e batata quente para entendermos um pouco mais de como funcionava as brincadeiras antigas que normalmente tinham esse formato em roda.

Na aula seguinte foi realizada uma pequena "exposição" de artes do artista Ivan Cruz sobre as brincadeiras de criança e colocamos legendas com quais as brincadeiras que cada imagem mostrava. Tiramos os alunos da sala e separamos em grupos. Questionamos se os alunos já haviam ido a algum museu ou exposição, porém a maior parte dos alunos nunca tinha vivido tal momento. Após esse momento de conversa, entraram grupo por grupo tendo um momento de apreciação das artes de Ivan Cruz que estavam expostas no quadro da sala.



Após esse momento, questionamos sobre quais artes eles haviam gostado mais e pedimos que desenhassem em uma folha de papel madeira que foi colocada no chão, onde eles podiam ficar lado a lado, e desenhar e pintar com tinta a brincadeira ou brinquedo que mais gostavam. Quando terminaram, suas obras de arte foram expostas nos muros da escola.



Em nossa observação, avaliamos que todas as crianças, até mesmo as crianças de inclusão, participaram de ambas as atividades pois eram atividades lúdicas e que fugiam do cotidiano de aulas intensivas para a prova do SPAECE. Um ponto interessante sobre as duas vivências, foi o fato de que mexer com tinta mudaria todo o padrão no qual as professoras estavam habituadas. Ao mesmo tempo que as crianças viviam algo novo, as professoras, constantemente, se mostraram não estar à vontade pois sua didática era bem tradicional. A experiência que trouxemos para a sala de aula teve impacto até na professora que em dado momento da aula, começou a brincar com os brinquedos antigos e lembrar a sua infância. Segundo Brougère, "o brinquedo pode ser considerado uma mídia que transmite à

criança certos conteúdos simbólicos, imagens e representações reproduzidas pela sociedade que a cerca" (BROUGÈRE, 2001, p.63). Um fato curioso foi que esse foi o único momento que vimos a professora sorrir. Em relação a aprendizagem e interação com as crianças, vimos que a confecção do pião foi impactante pois eles só tinham um momento de brincadeira em dias específicos como o dia da recreação ou dias especiais como o dia das crianças. Enfrentamos alguns desafios nessas duas vivências, a primeira delas foi estrutural, a sala de aula infelizmente era pequena e até mesmo para que todas as crianças se sentassem no chão em formato de roda era complicado, tivemos que colocar mesas umas em cima das outras para conseguir um pouco mais de espaço.

"Se entendermos que a infância é um período em que o ser humano está se constituindo culturalmente, a brincadeira assume importância fundamental como forma de participação social e como atividade que possibilita a apropriação, a ressignificação e a reelaboração da cultura pelas crianças." (BORBA, 2007, p.12)

Em suma, foram duas vivências que nos impactaram muito como educadoras. Observamos que as crianças tiveram o prazer de vivenciar momentos atípicos do tradicionalismo das suas aulas conteudistas. Sentimos na pele que o passar para o ensino fundamental anos iniciais faz com que as brincadeiras não sejam mais vivenciadas pelas crianças. A ludicidade e a brincadeira não são somente formas de "passar o tempo", mas são metodologias de ensino, onde passamos para os alunos a forma de como se inserir dentro da cultura e com isso, adquirem formas de autonomia, criatividade, justiça social e igualdade às diferenças. Apesar de estarmos vivendo em um novo momento da sociedade tecnológica, lembrar as brincadeiras antigas é lembrar a cultura de seus antepassados como nossos pais e avós, trazendo a interdisciplinaridade entre a arte e a História.

Ana Caroline Rodrigues Cavalcante
Lidiana Gomes Moreno da Costa



Adivinha o quanto lúdica pode ser uma aula?

O gênero textual adivinha

Este trabalho é fruto de uma experiência de estágio obrigatório nos anos iniciais do Ensino Fundamental, numa turma de 1º ano. Dentre as quatro aulas ministradas pelas estagiárias, foi a aula sobre o gênero textual adivinha. A área de conhecimento foi a de Linguagens, e o componente curricular foi Língua Portuguesa. Esta aula foi escolhida em virtude de ter se configurado como uma experiência deveras significativa, afetando-nos substancialmente. A regência se deu de forma leve e prazerosa, ficando perceptível que as crianças estavam interessadas, envolvidas, desejando aprender, o que nos deixou maravilhadas.

O planejamento da aula se deu com base nos conhecimentos adquiridos sobre a turma, obtidos durante as observações participantes realizadas no início do estágio. Partindo das singularidades dos(as) alunos(as), elencamos como objetivos da aula: conhecer e entender a função social do gênero textual adivinha e ler e brincar com as adivinhas. Posto isso, tivemos como objeto de estudo a compreensão em leitura do gênero adivinha. Durante a execução da aula, procuramos trabalhar as adivinhas por meio do diálogo, do brincar e da aproximação entre o conteúdo escolar e a realidade.



Inicialmente, propomos aos(as) alunos(as) um duelo de adivinhas, dividindo a turma em duas equipes e trazendo numa "caixa de adivinhas" as perguntas das adivinhas que uma equipe deveria fazer à outra. Escolhemos iniciar a aula de maneira lúdica, a fim de chamar a atenção das crianças para o conteúdo a ser trabalhado e lhes deixar motivadas a aprender; importa salientar que trouxemos a "caixa de adivinhas" para despertar ainda mais a curiosidade delas. Sabemos da importância que a brincadeira tem na aprendizagem e no desenvolvimento infantil, bem como da necessidade de assegurar que o brincar esteja presente no cotidiano das crianças nos anos iniciais do

Ensino Fundamental. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017, afirma que as situações lúdicas de aprendizagem devem ser valorizadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, de forma que haja articulação com a etapa da Educação Infantil (BRASIL, 2017).



Depois do duelo, realizamos uma roda de conversa, fazendo questionamentos para acessar seus conhecimentos prévios sobre adivinhas e para lhes estimular a pensar sobre esse gênero, provocando um estado de desequilíbrio. Algumas perguntas foram: o que vocês acham que são adivinhas? Vocês já haviam brincado de adivinha antes? Vocês já conheciam alguma adivinha? Se sim, qual? Optamos por uma roda de conversa com as crianças porque entendemos que, para ensinarmos de maneira contextualizada, precisávamos conhecer seus saberes iniciais, dialogar com elas. Segundo Freire (1996), a escuta é essencial à docência. Além disso, consideramos importante fazer perguntas com o objetivo de impulsionar as crianças a refletir, a sair da zona de conforto. A partir da análise da teoria piagetiana, é possível depreender que os desequilíbrios são fundamentais para a aprendizagem.

Como as adivinhas são um gênero textual típico da cultura popular, passadas de pai para filho; perguntamos se as crianças já tinham brincado de adivinha com suas famílias. Explicamos que o gênero adivinha apresenta um texto curto, que é composto por duas perguntas (uma inicial: o que é, o que é? e uma desafio) e uma resposta. Logo após explicarmos as características do gênero, escrevemos alguns exemplos de adivinhas na lousa e os lemos coletivamente, mostrando a estrutura do texto. Ademais, enfatizamos que as adivinhas possuem um caráter enigmático, levando-nos a pensar para encontrar as respostas, mobilizar os conhecimentos que adquirimos em casa, na escola, na sociedade; assim como possuem um caráter de entretenimento, propiciando brincadeira e diversão.

Ao longo da exposição, buscamos fazer com que os(as) alunos(as) se apropriassem do gênero em estudo, bem como estabelecessem relações entre o conteúdo e suas vivências cotidianas, a fim de que não só conhecessem

suas características e estrutura, como também aprendessem a fazer uso social desse gênero. A BNCC diz que cabe ao componente Língua Portuguesa promover vivências e experiências que ampliem os letramentos dos(as) estudantes.

Por fim, convidamos as crianças para mais uma brincadeira de adivinha. Pegamos a "caixa de adivinhas" e fomos solicitando que as crianças tirassem de dentro dela algumas perguntas de adivinhas. Na medida em que elas tiravam, fomos lendo as perguntas e pedindo para que respondessem. Ao longo da brincadeira, fomos colocando as perguntas e as respostas das adivinhas em uma cartolina, construindo um cartaz, com o intuito de que as crianças pudessem visualizar e fazer a leitura delas. Assim como iniciamos, terminamos a aula de maneira lúdica.

Na aula, foi interessante perceber que embora a turma seja, algumas vezes, agitada e dispersa, conseguimos despertar o interesse e a curiosidade dos(as) alunos(as), sendo possível observar a atenção que dedicaram ao estudo das adivinhas, a participação constante nas atividades. Constatamos que as crianças adquiriram conhecimentos sobre o gênero adivinha, aprendendo e brincando ao mesmo tempo, atribuindo sentidos e significados ao conteúdo. Elas afirmaram ter gostado das vivências propostas, especialmente das brincadeiras e da "caixa de adivinhas".

Portanto, os objetivos da aula sobre o gênero textual adivinha foram alcançados. Nessa aula, tivemos o cuidado de manter uma relação dialógica e respeitosa com as crianças, dando voz e vez a elas, tendo em conta seus saberes. Também tivemos a preocupação de ensinar de forma lúdica, significativa e dinâmica. A partir desse trabalho, consideramos importante frisar que, enquanto professores(as), devemos planejar nossas práticas pedagógicas partindo da imagem de aluno(a) potente, que possui um acervo de conhecimentos, que participa ativamente de seu processo de aprendizagem. Queremos enfatizar, ainda, que o brincar potencializa a aprendizagem, devendo fazer parte do cotidiano das crianças nas escolas. Por último, gostaríamos de ressaltar que é de suma importância trabalhar os gêneros textuais de modo contextualizado, fazendo com que os(as) estudantes entendam quais são suas finalidades sociais e, assim, propiciando o enriquecimento das experiências de letramento.

Milena Parente de Lima
Andressa dos Santos

Essa aula é o bicho: corporeidade e ludicidade nas aulas de ciências



O artigo traz a vivência da equipe de graduandas do curso de pedagogia durante uma de suas regências com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Fortaleza, com alunos de idade entre 6 a 7 anos, durante a disciplina de estágio supervisionado. Na qual foram elaboradas ações educativas para a área do conhecimento de Ciências da Natureza, com o propósito de dar continuidade ao planejamento da escola e da professora.

Os objetivos dessa aula consistiam em estabelecer as diferenças entre os animais, descrever as formas de locomoção utilizadas por algumas espécies e também identificar as características relacionadas a cobertura corporal dos animais. As estratégias utilizadas para atingir os objetivos supracitados iniciou através de uma conversa com a turma sobre quais as diferenças entre os animais citados pela equipe, buscando sempre evidenciar as características próprias de algumas espécies, como essas se locomoviam e de como era formada a sua cobertura corporal. Foram feitas indagações como: Por que os animais precisavam se locomover? Qual a importância da cobertura do corpo para o animal? etc., além de comparações entre os diversos tipos de cobertura corporal, mediações estas buscando sempre valorizar os conhecimentos prévios dos educandos, assim como ampliá-los de forma significativa.

Logo após realizou-se a primeira dinâmica com as crianças, que foi a Ginástica dos animais. Com o auxílio da música os alunos ficaram em círculo e reproduziram com o corpo movimentos que os animais fazem para se locomover. Utilizando essa atividade como gancho, iniciamos a terceira etapa de mediação, convidamos alguns alunos da turma para praticar a dinâmica das mímicas, os mesmos escolheram os animais para fazer os gestos e assim os reproduziram para a turma tentar adivinhar, trabalhando a interação entre eles, explorando a criatividade, o movimento corporal, o raciocínio e proporcionando diversão.

Foi proposto também para a turma que confeccionassem cartazes, estes receberam imagens de diferentes animais e puderam falar sobre os que receberam. Em seguida, os alunos coloriram as imagens e ao concluir foram separando estes em seus habitats (se estes se locomovem no ar, solo ou água) e depois colando na cartolina.

Por fim, já no finalzinho da aula, levamos os alunos para o pátio, onde os apresentamos a brincadeira do Peru, para essa atividade fizemos um círculo com vários círculos dentro, em que cada aluno participante escolheu seu círculo e foram orientados a ser um animal para que assim realizassem seus movimentos, restando um aluno esse seria o Peru da brincadeira, que deveria adentrar no círculo de algum de seus colegas quando a palavra "Peru" fosse citada e assim o que ficasse de fora seria o novo "Peru".

Por se tratar de um conteúdo que foge da proposta da Base Nacional Comum Curricular, para o 1º ano dos anos iniciais, este foi o primeiro desafio que se apresentou para a elaboração dessa aula, a equipe pesquisou maneiras de abordar as atividades com o objetivo de desvencilhar-se dos métodos tradicionais comumente empregados ainda nas escolas. Além disso, foi buscado com a metodologia proposta despertar o interesse nas crianças tendo como base a ludicidade, pois, de acordo com Vygotsky (1987, p. 35), [...] "o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças [...]".

Observou-se que durante a realização das atividades a maioria dos estudantes se mostraram empolgados com as dinâmicas, entretanto, havia uma parcela que optava por não participar e mostravam desinteresse pelas práticas, ao serem questionados não havia um motivo específico para a não participação, apenas afirmavam que não queriam e respeitosamente acolhemos suas escolhas, passava-se alguns minutos e depois já estavam interagindo um pouco mais.

As explicações acerca do conteúdo, que ocorreram ao longo da aula, foram planejadas para trazer conceitos de fácil compreensão, com intuito de proporcionar uma aula leve e harmônica. Priorizando o cuidado de ouvir cada uma das crianças e investindo em questionamentos criativos e variados, objetivando formar interações de clima agradável e proporcionar conversas livres sobre a temática, deixando as crianças romperem a timidez expondo seus pensamentos e dúvidas, ocorrendo então a

troca e a construção de conhecimentos.

Enquanto confeccionávamos os cartazes ao serem questionados sobre os modos de locomoção dos animais, as crianças não demonstravam insegurança, houve alguns momentos em que precisaram pensar um pouco mais, porém não titubeavam em suas respostas.

Presenciamos também uma turma muito unida, que gosta de se ajudar, compartilhar e se movimentar, por essa razão buscamos inserir dinâmicas que proporcionassem momentos como esse. Faria (2016), destaca que "o corpo em movimento constitui a matriz básica da aprendizagem pelo fato de gestar as significações do aprender, ou seja, a criança transforma em símbolo aquilo que pode experimentar corporalmente, e seu pensamento se constrói." (FARIA, 2016, p.14)

Intensificando o pensamento de que o movimento é intrínseco ao ser humano, destacamos a intencionalidade do brincar durante as atividades propostas, observamos que houve o ato das crianças se movimentarem, garantindo assim a oportunidade de explorar o espaço e exercitar o seu esquema corporal.

Além disso, o ato de brincar possibilita a ativação da percepção motora, a imaginação, criatividade e raciocínio lógico.

Levando em consideração que cada criança possui sua maneira de se expressar e aprender, procurou-se a todo momento criar um plano que fosse capaz de considerar cada particularidade, sem deixar de compreender a criança como um ser cultural, que necessita expressar suas opiniões, fazendo essa ser ouvida com respeito, entendendo que era necessário apresentar a essas crianças o uso de vários métodos que os garantisse uma forma adequada e atrativa de participação, como através de desenhos, música, vídeos, dança, pintura, entre outros.

Por tanto, estima-se que seja destacado o papel das estratégias de ensino citadas acima, para que seja viável o desenvolvimento da aprendizagem de maneira saudável e divertida. Visto que a construção do conhecimento ganha mais significado quando se prioriza atividades que trabalhe a criatividade individual e coletiva, a interação e socialização entre alunos e o meio, com o objetivo de quebrar a imagem do tradicionalismo que torna as aulas monótonas, entendendo e se fazendo entender a importância da ludicidade também nos anos iniciais.

Ana Kelly Lima
Cláudia Jéssica Saraiva
Diana Duarte

Sobre armas e afetos: vigiar e punir ou escutar e acolher?

Este relato de experiência tem como propósito expor a nossa experiência de estágio supervisionado em uma turma do 5º ano do ensino fundamental na cidade de Fortaleza. Ao invés de exaustiva descrição das atividades realizadas, optamos por expor aqui uma reflexão sobre algumas das práticas e situações limite que nos deparamos durante o período de regência com o intuito de levantar questionamentos e produzir debates sobre esse processo formativo.

Em "A criança e o seu mundo", Winnicott escreveu que algumas crianças que vão à escola precisam de bem mais que instrução, pois as carências afetivas e materiais, pouco valorizadas e respeitadas, não deixam de existir dentro dos muros da sala de aula. Durante a nossa passagem por uma turma do 5º ano dos anos iniciais, compreendemos que a práxis a docente envolve não apenas saberes didáticos e específicos, mas também sensibilidade e postura política diante das situações limite que envolvem esses sujeitos que precisam de muito mais que aprender matemática e português. Nessa perspectiva, Irapuã*, garoto negro de 11 anos, nos foi apresentado pela professora regente como indisciplinado e "preguiçoso", cujas as tarefas, na maior parte das vezes, eram deixadas em branco.

De aparência robusta e olhar doce, o menino aparenta ser mais velho do que realmente é, a farda sempre suja e a mochila rasgada entregam a pobreza; desconheço a profissão do pai, a mãe morrera há pouco, dela quase não fala: "morreu", disse em tom seco e melancólico enquanto virava a cabeça para outro lado. Seria a indisciplinada resultado da necessidade de ser percebido? Winnicott considera o comportamento difícil de algumas crianças uma espécie de pedido "socorro", o desejo de serem notadas faz com que recorram a indisciplinada.

Para outro psicanalista, Christian Dunker, o cuidado de si é fundamental em qualquer que seja a práxis humana, inclusive, cuidado e educação são duas faces de uma mesma moeda; o cuidar não se esgota na primeira infância, não é porque crescemos que deixamos de lado o zelo, a atenção e o bem-estar conosco e para com os outros.

Se existe, de fato, uma correlação entre cuidar e educar, então, como educar cuidando? Certamente, tachar um estudante como "preguiçoso" não ajuda, ao contrário, o estereótipo só desmotiva: "ah, eu não faço a

tarefa, a professora já sabe!", disse Irapuã com orgulho. Dessa forma, ao invés de forçar o garoto a fazer as atividades com ameaças de ir à diretoria ou convocar o pai (como fez a professora), resolvemos utilizar uma abordagem não punitiva-disciplinar. Primeiro, pedimos licença para ver o material escolar do estudante, caderno e livros estavam ambos com várias páginas rasgadas e alguns papéis espalhados pela mochila. Depois, ajudamos ele a organizar o material, retiramos as páginas que já não podiam ser utilizadas e organizamos tudo, conversamos, também, sobre a importância de conservar o material didático e o papel da organização para facilitar a atividade escolar. Ao final da conversa, um pouco envergonhado, o garoto perguntou se podíamos ajudar com o dever.

A disciplina, necessariamente, envolve o cuidado de si e dos outros, cuidar e educar é, em parte, um exercício disciplinar que conduz à liberdade, mas nunca a punição e a desumanização. Vivemos à sombra do fascismo e mais que nunca o cuidar deve sobrepor a força; educar não significa punir, e todos sabemos disso! Vamos continuar a ignorar que existem crianças que vão à escola precisando de bem mais que instrução? Irapuã certamente precisa! O real sentido etimológico da palavra aluno é nutrição e não "sem luz" como alguns ainda acreditam, nutrir envolve cuidar e educar para construir autonomia e independência. Em nosso último dia na escola percebemos que o menino estava com uma arma de brinquedo, "foi a única coisa que ganhei no dia das crianças", disse ele. A arma passou despercebida pela professora. Não nos compete julgar a competência da profissional, mas, certamente, a falta de cuidado chama atenção, afinal de contas, seria uma excelente oportunidade para debater a violência exacerbada que vivemos.



Educar e cuidar são tarefas indissociáveis do educador, independentemente da etapa/ano da educação básica que atue. O trabalho docente deve considerar as particularidades que envolvem a ação pedagógica em sua totalidade e compreender as necessidades das crianças para além da instrução formal.

As professoras e professores que passaram por nossas vidas influenciam de maneira direta e indireta o/a profissional que somos hoje. Portanto, o estágio supervisionado dá a nós, estudantes de Licenciatura em Pedagogia, a oportunidade de regatar memórias afetivas e refletir sobre a práxis docente que vivenciamos sem o peso da docência propriamente dita, assim, temos a chance de realizar uma análise crítica do fazer pedagógico de fora para dentro.

Roberto Fernandes
Venythais Costa

* O nome da criança foi alterado para preservar a sua identidade, O nome Irapuã é citado no romance *Iracema* de José de Alencar como uma espécie de abelha negra, que ataca só quando perturbada.

Aplicação de dinâmica interdisciplinar nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Abordagem Triangular e Tecnologias da Comunicação

A escola palco de nosso estágio se tornou também uma peça do tradicionalismo em nosso ensino brasileiro. A criança estuda, ou tenta estudar, em sua mesa, de forma a copiar do quadro ou responder questões do livro didático, e na preferência dos professores, de forma individual e em silêncio.

Com este contexto e nosso interesse, como dupla, em ciências humanas e linguagens, foi decidido a aplicação de intervenções nas disciplinas de história, geografia e português, todas intervenções indisciplinadas. Cada uma das três tendo como tema gerador o conteúdo específico da disciplina que as crianças estavam estudando e temas secundários: a Arte e as Tecnologias da Comunicação (TDICs), ambas deveras presentes no cotidiano das crianças, mas tidos como desvalorizados em sala de aula.

Essa infeliz afirmação possível de ser feita, devido a que, como dupla, estávamos presentes durante os dias reservados para as disciplinas de ciências humanas e linguagens, a única atividade utilizada envolvendo a disciplina de Artes foi executada em dez minutos, na decoração de uma colher de

Aplicação de dinâmica interdisciplinar... (cont.)

plástico, sem explicação prévia.

Para mudar esse contexto, buscamos que além de apresentar uma Arte já "pronta" ou simplesmente pular para a parte da criação, queríamos contextualizar. Explicar para criança como algo está presente em seu dia a dia, um pouco da história por trás da apresentação e então criar sobre. A partir dessa perspectiva, é pontuada a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, descrita em 1998 no livro *Tópicos Utópicos: apresentar, contextualizar e criar*, independente da ordem.

Neste artigo, decidimos discutir a utilização desta metodologia, sendo negativa ou positiva no aspecto de ter novos horizontes abertos tanto para os docentes quanto para as crianças, visando a interação entre estas e entre a Arte e as TDICs. De forma breve, iremos dar enfoque na intervenção voltada para o conteúdo trabalhado na disciplina de português.

O planejamento seguiu os seguintes tópicos:

1. Apresentar propagandas e campanhas nas redes sociais por meio de folhas impressas com exemplos dos temas propostos: reciclagem, bullying, covid-19 e má nutrição;
2. Contextualizar explicando a diferença entre campanha e propaganda em seu formato;
3. Criar sua própria propaganda ou campanha em grupos de 5 ou 6 estudantes escolhendo o tema e o apresentando.

Todos estavam em seus respectivos lugares individuais até chegar a criação, o qual ocorreu a primeira dificuldade tida: saber como dividir a sala. Felizmente, a professora regente nos auxiliou ao sugerir colocar as cadeiras em quadrados de cinco lugares. A professora regente também ajudou ao sugerir escolher os grupos por meio da chamada, permitindo que educandos de diferentes rodas sociais interajam melhor.

Com esta decisão, posteriormente seria sorteado os temas propostos, entregando uma imagem sobre o tema em cada grupo, os grupos teriam que criar em uma cartolina em formato de postagem para o Instagram uma campanha ou propaganda. Assim, utilizando da imagem do tema, de textos, de um nome para o perfil, de uma legenda e de hashtags.

Após a explicação em cada mesa, a mediação de nós docentes foi planejada conosco passando entre os grupos da sala reforçando a diferença entre campanha e propaganda e apenas realmente intervindo ao perceber algum desentendimento com sugestões e dicas. Com a finalização em cerca de vinte minutos, os grupos ficaram de se

apresentar com seus respectivos temas e foi pedido, caso o grupo tivesse crianças tímidas, foi pedido para que escolhessem dois representantes para explicarem seu cartaz aproximadamente cinco minutos.

No decorrer do momento de criação, o qual os estudantes precisavam colocar a mão na massa em suas determinadas equipes, uma questão foi amplamente percebida por todos na sala: a dificuldade que a turma possuía em trabalhar em equipes. Essa questão já era uma hipótese que havíamos cogitado ao desenvolver o planejamento, pois durante nossas observações não presenciamos nenhum momento em que eram incentivados pelos docentes a colaborarem entre si. Além disso, dos vários trabalhos em cartolina expostos na parede da sala, apenas um foi feito pelos alunos da turma da tarde.

Em resumo, os trabalhos em equipe eram uma espécie de novidade para a turma, então, por meio da atividade que propusemos, eles precisaram vencer o desafio de ouvir diferentes opiniões e buscar adequar o trabalho dentro das expectativas de todos os membros, o que, podemos afirmar, não foi uma tarefa fácil, mesmo com a nossa mediação e a professora regente auxiliando.



Em alguns grupos, os conflitos de opiniões eram mais comuns e difíceis de resolver do que em outros, porém é bom citar que em duas equipes não percebemos grandes dificuldades na dinâmica entre os membros, onde a nossa mediação não foi tão solicitada para o andamento da atividade. No fim, todas as equipes concluíram o trabalho dentro do tempo proposto, e mesmo aquelas onde percebemos a maior incidência de conflitos, superaram as diferenças no decorrer da atividade e conseguiram produzir ótimas propagandas ou campanhas.

O conhecimento prévio da rede social Instagram de fato contribuiu para que as equipes desenvolvessem suas propostas, principalmente sobre temas tão recorrentes não só na internet, mas em todas as outras mídias.



Já na rodada de apresentações das suas criações e de como desenvolveram a ideia por trás da imagem no Instagram, apesar da relutância de alguns com "doses de timidez", todos escolheram cerca de dois representantes para falar e foram bem sucedidos em concluir a atividade da maneira como planejamos. As equipes como um todo se mostraram felizes com seus resultados e de seus colegas, sempre a aplaudir.

Ao finalizarmos, a professora elogiou as equipes e afirmou que tentaria promover mais experiências em grupos, algo que não alegrou apenas os alunos, mas principalmente a nós. Antes de irmos a campo, entre as discussões sobre docência e o papel do professor, várias vezes discutimos como nossos planejamentos e regências poderiam agregar à práxis dos professores que já atuam há tanto tempo.

Por isso, saber que uma atividade proposta por nós foi exitosa em promover uma reflexão na professora, que afetará as interações dentro da sala de aula, nos deixa com uma sensação de dever cumprido e nos lembra uma citação de Paulo Freire em 1983, no livro *Extensão ou Comunicação* a qual afirma: "O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber".

Dessa forma, em um viés interacionista, a Abordagem Triangular em sua parte que se refere a criação mostrou-se positiva com o trabalho em grupo, mesmo com as crianças discutindo e tendo outras mais tímidas, elas conseguiram entrar em acordo com nossa mediação e aprenderem juntas. Criarem, contextualizar e apresentarem juntas.

Nossas vivências com estas crianças do 4º ano trouxeram ricas contribuições para o nosso aprendizado, por meio de cada observação, interação, pergunta e regência realizada durante as semanas que compartilhamos. Juntos fizemos e refizemos constantemente o nosso saber em sala de aula, e esperamos que de alguma forma a nossa presença possa ter marcado ou construído boas lembranças, não apenas nos alunos, mas também nos professores, que tão solícitamente nos receberam.

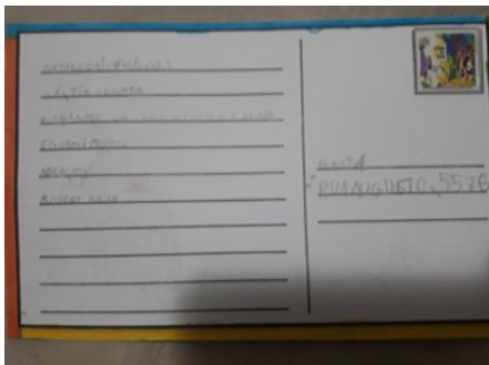
*Luana Carvalho
Bianca Mendes*

Mande notícias do estágio! O gênero textual cartão-postal

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma vivência/experiência do estágio do ensino do fundamental I do curso de pedagogia, com alunos de 8 e 9 anos em uma turma de terceiro ano em uma escola municipal de Fortaleza. Nessa experiência foi possível apresentar para a turma uma proposta de língua portuguesa mais lúdica sobre o gênero textual carta/cartão postal-artístico. A escolha da proposta teve como base a primeira aula observada durante o estágio, onde a professora regente passou uma atividade do livro de português e era sobre cartão postal e não foi apresentado nenhum instrumento ou exemplo concreto ou alguma demonstração lúdica sobre o tema e isso nos deixou muito pensativa sobre aquela aula, de como poderia haver muitas possibilidades de apresentar o tema e de fazer as crianças se interessarem pelo assunto, além de apenas resolver questões em preto e branco num livro. Mãos à obra!

A aula/experiência teve como conteúdo o gênero textual carta/cartão postal-artístico. Os objetivos da aula foram: conhecer o gênero textual carta/cartão-postal, produzir um desenho e um relato pessoal sobre um momento importante da vida cotidiana do aluno e compartilhar oralmente uma experiência vivenciada pelo aluno. Para isso foi elaborado um plano de aula onde foi realizado uma revisão do gênero textual carta/diário/cartão postal, em seguida foi feita uma exposição e compartilhamento de exemplos de cartões postais e artísticos que levamos para as crianças terem a possibilidade de visualizar um postal físico. A partir daí houve uma apresentação e explicação do modelo do cartão postal/artístico, depois foi solicitado aos alunos que confeccionassem um cartão postal/artístico, onde eles fizeram de com um desenho na frente do cartão e na parte posterior eles realizaram um texto de no mínimo 3 linhas narrando um evento especial. Ao final alguns alunos expuseram suas vivências.

Optamos pela atividade carta/cartão postal-artístico, porque a Arte nos permite enxergar a realidade por diversos ângulos, permitindo assim que os alunos pudessem se expressar livremente através de seus desenhos para construir subjetivamente o conhecimento.



Sobre este assunto, Barbosa (2003, p.18) propõe a seguinte perspectiva:

"Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada."



A atividade foi realizada, apesar de algumas crianças terem alguma resistência ou na escrita do texto que deveria contar uma história vivida ou na criação do desenho, creio que a maior dificuldade aconteça pela falta de estímulo para realização de atividades de arte, pois a professora regente relatou que as crianças nunca tinham aulas de arte e quando é solicitado que as crianças criem e não apenas copiem o que deveria ser prazeroso e lúdico se torna difícil, a frase, 'Eu não sei desenhar' foi uma constante e esta frase vem atrelada a vergonha, frustração, angústia e traumas, pois o padrão exigido para os desenhos das crianças durante as séries iniciais são muito alto, fazendo com que esta criança deixe de desenhar e passe a copiar.

"Mas ela também tem consciência da imperfeição de suas cópias, as quais não conseguem, aliás, equilibrar o seu sentimento de impotência. Ela desanima, e passa a fazer decalques. Decepciona-se mais e mais; sente vergonha, e abandona: é o famoso eu não sei desenhar." (Louis PORCHER, 1973, p.128) O cartão postal artístico pedia que tivesse um destinatário, percebemos durante a confecção do mesmo que dois alunos (os dois mais inquietos e briguentos da turma) estavam emburrados e choramingando sem querer fazer a atividade, perguntamos o motivo e a resposta foi a mesma: "Eu não tenho amigos", o que nos leva a ver tantos nuances que um pedagogo tem que administrar, ter sempre um olhar atento para os problemas em sala minimizando assim os danos é uma constante.

Quanto à escrita, houve alguma dificuldade por conta de alguns alunos não saberem ler e escrever bem. No entanto nos foi solicitado ajuda e assim a atividade foi realizada. Creemos que valeu muito a pena a experiência, pois os alunos foram colocados em desafio e isso foi superado, pois os desenhos e as escritas foram muito belos e emocionantes.

Por fim, percebemos que é muito interessante integrar conhecimentos, pois para nossa atividade foi utilizado o auxílio a arte para aplicação de um conhecimento de língua portuguesa. As produções resultantes serviriam de objetos de exposição.

Rita Maria de Brito Barroso
Vanda de Sousa Teixeira

Do olhar julgador ao acolhimento

Não estava nos meus planos cursar a disciplina de estágio no Ensino Fundamental (EF) neste semestre. Estava tudo programado, iria fazer em 2023.1 junto ao TCC 2 e à posterior, defesa, mas, como não controlo nada, passei na primeira fase do concurso para professor pedagogo efetivo da prefeitura daqui e todos os meus planos mudaram. Reuni esforços e consegui adicionar a disciplina na minha grade e cá estou eu escrevendo o trabalho final da disciplina.

De início, estava receosa, já cogitava que teria de desenvolver um grande relatório sobre os dias de estágio e já previa muitos estresses, contudo, por sorte, meu grande professor não cobraria relatório gigantesco nenhum.

Minha adaptação à nova rotina não demorou muito, na verdade, não durou nada, assim que cheguei na escola estávamos todos juntos, o professor nos orientou, conhecemos a escola e, por fim, as turmas em que ficaríamos. Outra sorte grande foi a minha dupla ter sido a Milena. Eu não a conhecia ainda, nem quase ninguém da turma, tive receio disso, porém, sem muito esforço, todos os rostinhos de cada aluno e aluna da turma foram se tornando muito familiares para mim ao passar dos dias, chegou até ser confortável ter esses rostinhos por perto, mesmo que ainda sem tanta proximidade assim.

Posso afirmar que os dias na escola Alba Frota foram desafiadores e ao mesmo tempo confortáveis de se viver. Tenho uma identificação maior com o EF, então se tornou mais fácil criar vínculo com as crianças, além de elas serem muito receptivas e curiosas. Logo, senti-me parte daquele lugar. Tive uma ótima relação com as professoras da turma, assim como com os demais funcionários da escola. Aprendi muito sobre o trabalho de ser pedagogo e estar em sala de aula durante os dias de observação e de participação.

De início, estava com um olhar um tanto julgador em relação à postura das professoras regentes com as crianças, mas depois da primeira reunião geral que tivemos com o professor, reconheci ser importante e mais justo mudar minha perspectiva de observação.

Ao longo do estágio, estive em constante participação em sala com as crianças, dando suporte às professoras regentes e ajudava sempre com muita satisfação. Entendi que nosso trabalho é muito desafiador e árduo, por não termos a devida valorização, e que existem situações muito delicadas para lidar, pelo simples fato de lidarmos com pessoas, então, ao longo desse tempo, fui ficando mais madura. Compreendi a acolher melhor as

professoras, por mais que discordasse de algumas atitudes, entendi que elas estavam dando o seu melhor e preocupadas com seus alunos, entendi como é importante compreender o contexto do trabalho para não julgar de forma errada.

Com esse olhar mais sensível o estágio se tornou mais empolgante, estar com as crianças em sala foi muito enriquecedor e, por vezes, muito divertido. Se eu pudesse definir o estágio com uma única palavra seria: divertido. Ouvir as histórias mirabolantes das crianças, a forma delas de interagir entre pares, as piadas que contavam, a animação que traziam, não tinha como não ficar animada também, mesmo que eu estivesse cansada da rotina frenética.

Eu já sou professora e trabalho em uma escola particular muito privilegiada, então foi bastante interessante observar as diferenças entre as duas realidades quanto à estrutura da escola, das salas, à postura das professoras, às interações das crianças. Notei que entre si, as crianças se tratavam com certa violência e grande impaciência, fiquei pensando que talvez seja a forma como são tratadas em casa e, às vezes, na escola também.

Estar no chão da escola pública foi importante para perceber como a educação, muitas vezes, é pautada pela avaliação e não pelo aprendizado das crianças, ainda mais considerando o contexto da pandemia, já que na turma de 3º ano em que estava a maioria das crianças não sabe ler, nem escrever e nada estava sendo feito por elas, além do mínimo.

Essa realidade me impactou bastante, crianças de 9 anos, próximas de entrar no 4º ano do EF sem saber ler e escrever. A turma tinha muita demanda para suporte durante a resolução das atividades, a maioria avassaladora sempre recorria à ajuda, então não tínhamos muita opção sobre o que fazer a não ser ditar as respostas para que copiassem no livro e essa dinâmica foi muito frustrante para mim.

Tive dificuldade para aceitar essa situação em que senti as crianças completamente alheias a suas aprendizagens, não tem significado o que aprendem na escola, porque não foi explicitamente dividido com elas a responsabilidade do processo de ensinar e aprender. O foco está no professor, no que ele rege e afirma, as crianças não contestam, não sabem dar vazão aos sentimentos quando se sentem incomodadas com certo tipo de tratamento, elas não sabem se impor e perceber crianças em uma posição muito passiva, ao meu ver, diz muito sobre como nós educadoras devemos urgentemente mudar nossa forma de trabalho.



Acredito que sem reflexão ativa não há aprendizagem significativa. Senti falta de ouvir "por quê, tia?", ou "tia, eu não entendi" e isso ser considerado o suficiente para que a professora junte todos os esforços para fazer que a criança entenda e tenha sua demanda contemplada. Acredito que a educação acontece a partir de contestações tão essenciais para o processo de ensino-aprendizagem. Em algumas situações, eu tentei buscar dinâmicas em que as crianças pudessem refletir sobre o que estavam estudando, sobre o motivo de irem à escola, mas notei que esse tipo de discussão pouco acontecia e de quem é a culpa? A culpa é do sistema.

De qualquer modo, consegui desviar desse pensamento e pude notar o sentido da aprendizagem em outros momentos, principalmente, no momento da brincadeira. As crianças continuam brincando e saber disso é um alívio quando falamos de crianças dos Anos Iniciais do EF, porque tem o mito da brincadeira moldar apenas a educação infantil. O brincar é parte imprescindível para todas as crianças.

Essa experiência foi muito rica e desafiadora, com certeza me sinto muito mais corajosa e cheia de vontade de ajudar as crianças mais vulneráveis com o meu trabalho que é sinônimo de respeito, responsabilidade e empatia. Não trocaria o que vivi nesse estágio por nada.

Alana Maria Leal Pinheiro

O grande dado

É CHEGADO O MOMENTO DA SEGUNDA REGÊNCIA E DEVO ADMITIR QUE ESTIVE BEM ANSIOSA PRA VER A REAÇÃO DAS CRIANÇAS QUANDO EU CHEGASSE EM SALA DE AULA COM O DADO QUE CONSEGUI.

NEM BEM HAVIA ENTRADO NA ESCOLA E UMA ALUNA ME PARA DO LADO DE FORA COM UM ABRAÇO!! (DIA GANHO "RISOS") "TIA O QUE É ISSO HEIN?!" PERGUNTA ELA EMPOLGADA! E EU PRONTAMENTE RESPONDO NA MESMA SINTONIA "É SURPRESA!"



DURANTE O MOMENTO QUE ESTAVA CONDUZINDO A ATIVIDADE FOI UM POUCO COMPLICADO, VISTO QUE O FATOR VOZ NÃO ESTAVA A MEU FAVOR NESTE DIA, E AO MESMO TEMPO QUE EU DESEJAVA ATRAIR A ATENÇÃO DAS CRIANÇAS PARA A MINHA FALA EU TAMBÉM QUERIA ACOMPANHAR CADA MINICONTEXTO QUE ACONTECIA PARALELO A ESSE MOMENTO...

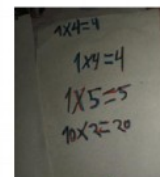
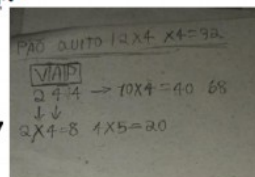
POR EXEMPLO, ENQUANTO A REGÊNCIA ACONTECIA ALGUNS ALUNOS PRECISARAM SAIR DA SALA PARA REALIZAR UMA PROVA

PENDENTE CHAMADA DR O QUE OS IMPOSSIBILITOU DE ACOMPANHAR A ATIVIDADE DESDE O INÍCIO. OUTROS DOIS ALUNOS SE ENCONTRAVAM CABISBAIXOS E CHORANDO, A PRIMEIRA PORQUE ESTAVA COM SAUDADES DOS PAIS QUE FALECERAM DURANTE A PANDEMIA, E O SEGUNDO QUE POR DECORRÊNCIA DE PANO BRANCO NA REGIÃO ABDOMINAL ESTAVA SENTINDO BASTANTE DOR.

ACREDITO QUE O DESAFIO DA ATIVIDADE PROPOSTA FOI CUMPRIDO, ALANA E EU ESTAMOS BUSCANDO TRAZER A COOPERAÇÃO E O TRABALHO EM EQUIPE PARA O CONTEXTO DA SALA E FOI BEM LEGAL VER AS EQUIPES LEÃO, PÃO QUEIJO, PORTUHAL (QUE DEPOIS VIROU PORTUGAL) E LOL ENFRENTANDO OS DESAFIOS DA MULTIPLICAÇÃO.

SABEMOS QUE HÁ O QUE MELHORAR NA PRÁTICA, AFINAL SÓ SE APRENDE COM A MÃO NA MASSA, MAS PARA ALÉM DISSO, GOSTARIA DE COMPARTILHAR QUE CADA VEZ MAIS SINTO QUE A REGÊNCIA NÃO SE RESTRINGE À ATIVIDADE. AINDA HÁ MUITO A SE FAZER, A OUVIR E ACOLHER!

registros das crianças



Um breve adeus

"NÃO É MAIS QUE UM ATÉ LOGO
NÃO É MAIS QUE UM BREVE ADEUS
BEM CEDO JUNTO AO FOGO
TORNAREMOS A NOS VER"

O TRECHO ACIMA É PARTE DA CANÇÃO DA DESPEDIDA MUITO UTILIZADA PELOS GRUPOS ESCOTEIROS. NA MINHA ADOLESCÊNCIA ACOMPANHEI DE PERTO MINHA IRMÃ PARTICIPAR DO 14º GEABEG (GRUPO ESCOTEIRO BRIGADEIRO EDUARDO GOMES) NA BASE AÉREA DE FORTALEZA E COSTUMAVA OUVIR ESSA CANÇÃO NAS REUNIÕES.

HOJE ELA RETORNOU AOS MEUS PENSAMENTOS COMO FORMA DE CONSOLO, CHEGOU A HORA DE ME DESPEDIR DA TURMINHA DO 3 ANO A DA ESCOLA ALBA FROTA, MAS NÃO SERÁ MAIS QUE UM ATÉ LOGO, POIS ESPERO RENCONTRA-LOS PELOS CAMINHOS QUE A EDUCAÇÃO NOS POSSIBILITA TRILHAR.

QUERIDA TURMINHA, DEIXO ESSE REGISTRO PRA DIZER QUE APRENDI MUITO COM VOCÊS! VOCÊS INUNDARAM MEUS DIAS DE ALEGRIA E SIMPLICIDADE, OBRIGADA POR TANTO AFETO.

VOCÊS NÃO SÃO O FUTURO, VOCÊS SÃO O PRESENTE E QUE PRESENTE MARAVILHOSO VOCÊS SÃO!



GUARDAREI NOSSAS LEMBRANÇAS COM MUITO CARINHO!

Do medo ao fascínio

As minhas expectativas para o início do estágio eram altas. Como já tive aula com o professor Eduardo em outra disciplina, concluí que seria uma experiência diferente e nada monótona. O professor planejou todas as datas de nossas observações e nos auxiliou nas nossas regências. O estágio é bastante cansativo quando você tem que ir trabalhar, estudar e ir para o estágio. Os demais alunos da disciplina se ajudavam, dizendo como poderíamos fazer as regências e contando suas experiências em sala. Tivemos liberdade de como iríamos fazer as nossas atividades e isso foi algo libertador, totalmente diferente de como eu estava imaginando, como aulas tradicionais e cansativas. Sei que os alunos precisam de aulas assim, pois é a modalidade de ensino mais comum, mas eu e minha colega Elessandra queríamos fazer algo que fosse diferente e que, ao mesmo tempo, os alunos aprendessem. Queríamos explorar o lado criativo dos alunos.

Essa disciplina de estágio foi uma das poucas em que fiz amigos. Tive uma colega de sala que sempre ajudava na construção dos projetos que iríamos aplicar em sala. No início, fiquei com medo de como a turma iria reagir às nossas atividades. Ainda bem que todos os alunos abraçaram os nossos projetos.

A turma do 1º ano era uma turma numerosa em questão de matrículas, mas também tinha um grande número de faltas. Algo que ficou perceptível é como o grupo familiar pode influenciar um aluno. Quando a família está ausente, muitas crianças não se desenvolvem. Tinha um aluno com muita dificuldade em

fazer as atividades em sala ou em casa. Na escrita do seu nome e na leitura de palavras ou pequenas frases, tínhamos que chamar sua atenção diversas vezes. Ele acabou parando de frequentar a escola um pouco antes de concluirmos as nossas atividades de estágio.

Antes mesmo de iniciar minha carreira acadêmica, não passava na minha cabeça ser professora de alfabetização. Tinha medo de falhar, ainda tenho esse medo de falhar, se conseguirei ajudar alguém a aprender a ler ou escrever... A série de 1º ano é fascinante, pois toda a estrutura escolar depende dessa série. Eu tinha medo de ser professora de alfabetização, mas quis arriscar. A professora Conceição é um amor de pessoa e uma ótima profissional. Observei como ela conduzia as aulas com confiança e profissionalismo. Quero atuar da mesma forma.

Tivemos regências que foram bem mais animadas do que outras. Tentamos ensinar da melhor maneira possível, e de forma dinâmica, como alfabetizar um aluno. Eu e a Elessandra tivemos bastante cuidado como iríamos aplicar as intervenções. A nossa intenção era que os alunos que estivessem demonstrando alguma dificuldade participassem. Não queríamos excluir ninguém, e tentamos proporcionar atividades divertidas e educativas.

A regência que mais gostei foi a da pescaria. A sala ficou animada, as crianças gritavam torcendo pelos seus colegas quando eles iam pegar os peixinhos. Por conta da atividade nova, pediram para continuar e a professora permitiu. Ela me disse que aquele tipo de atividade é muito bom para eles.

Houve outras regências que tiveram uma grande participação dos alunos. A primeira atividade de artes foi bastante interessante, os alunos receberam um desenho de uma galinha que tinha formas geométricas e o local em que ela estava tinha o mesmo formato. Deixamos os alunos livres para decorar como quisessem. Alguns seguiram os limites das linhas, colocando papéis coloridos ou EVA, ou pintando. Outros alunos não seguiram essa mesma lógica, eles foram colocando as peças de EVA ou de papel em qualquer lugar, fizeram rostinho na barriga da galinha.

O estágio mudou minha percepção de como é uma escola. Faço um estágio não obrigatório pela manhã que é totalmente diferente do meu estágio à tarde. Sei que os dois são de escolas diferentes, para públicos diferentes, mas têm o mesmo objetivo que é formar cidadãos.

O estágio mudou também minha visão da educação infantil, pois tinha um certo receio de trabalhar na educação infantil, pois em uma escola tive experiências ruins e também não tinha ajuda dos funcionários. Mas sempre tive vontade de saber como seria ser professora do 1º ano, e foi uma experiência maravilhosa. Depois de toda essa trajetória, me sinto mais confiante em atuar na alfabetização de crianças. Ainda tenho vontade de atuar na educação de jovens e adultos, se possível irei fazer estágio nessa área. Depois da minha experiência na Alba Frota, me sinto mais confiante e preparada para atuar em sala de aula. Agradeço por toda a experiência que adquiri durante o meu estágio na escola.

Daniela Alves de Lima Ferreira

DIA 09/11/2022
REGÊNCIA 3 – BINGO DAS LETRAS

FIZEMOS CARTELAS DE LETRAS DO ALFABETO, CADA ALUNO RECEBEU UMA CARTELA, COMEÇAMOS A DIZER AS LETRAS DE FORMA ALEATÓRIA, A NOSSA INTENÇÃO ERA OBSERVAR SE OS ALUNOS RECONHECIAM AS LETRAS, ALGUNS CONFUNDIRAM AS LETRAS, MAS FORAM POUCAS VEZES QUE OCORREU, PERCEBEMOS A EVOLUÇÃO QUE A TURMA TEVE DESDE A NOSSA PRIMEIRA OBSERVAÇÃO ATÉ ESSA REGÊNCIA.

DIA 11/11/2022
REGÊNCIA 4 – ARTES DA GALINHA GEOMÉTRICA

CADA ALUNO RECEBEU UM DESENHO DE UMA GALINHA COM FORMAS GEOMÉTRICAS, DEIXAMOS CADA ALUNO DECORAR DA FORMA COMO ACHASSE MELHOR, ELES USARAM PAPÉIS COLORIDOS, EVA COM E SEM GLITTER E LÁPIS DE CORES, ALGUNS ALUNOS FIZERAM ROSTINHOS NA BARRIGA DA GALINHA.

DIA 16/11/2022
REGÊNCIA 5 – PESCARIA DAS PALAVRAS

REPETIMOS A PESCARIA, MAS DESSA VEZ FORAM COM PALAVRAS SIMPLES, A DINÂMICA ERA QUE CADA ALUNO IRIA PESCAR UM PEIXINHO QUE TINHA UM NÚMERO, EU E A ELESSANDRA MOSTRAMOS A IMAGEM AO ALUNO ELE TINHA QUE ESCREVER A PALAVRA COMPLETO OU A PRIMEIRA SÍLABA, POUCOS ALUNOS TIVERAM DIFICULDADE, ALGUNS TROCARAM LETRAS COM SONS PARECIDOS OU ESQUECERAM DE ESCREVER, MAS HOUVE UMA ÓTIMA EVOLUÇÃO NOS ALUNOS.

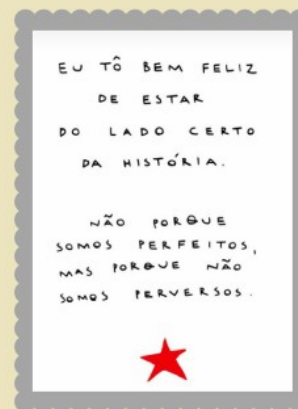
DIA 18/11/2022
REGÊNCIA 6 – ARTE DE NATAL

O NOSSO ÚLTIMO DIA NA ESCOLA E NOSSA ÚLTIMA REGÊNCIA, PLANEJAMOS UMA ATIVIDADE ONDE OS ALUNOS SE DIVERTISSEM, LEVAMOS PARA CADA ALUNOS ÁRVORES DE NATAL FEITAS DE PAPELÃO, LEVAMOS TINTA, COLA COLORIDAS E GLITTER, ELES PODERIAM DEIXAR DO JEITO DELES, DEPOIS LEVAREM PARA CASA COMO ENFEITE DE NATAL, A ATIVIDADE FOI DIVERTIDA E BEM CANSATIVA, MAS VALEU A PENA, FOI UMA AULA DIFERENTE PARA ELES.

Aula na escola - 26/10

Como não conseguimos planejar com qualidade a nossa regência, decidimos deixar essa aula para conversar com a professora como podemos melhor ajudá-la. Assim que cheguei fui logo surpreendida com vários abraços. A quarta-feira é sempre uma grande correria. Tenho estágio pela manhã e tarde, depois ainda tenho aula de ensino de ciências pela noite. Muitas vezes eu no meu mundinho de correrias me fecho, me isolo e me concentro nas atividades que tenho que realizar naquele dia. Ao ser abraçada na chegada por todas aquelas crianças, eu paro por um momento e vejo o quanto sou privilegiada por aqueles abraços e carinhos. Faz pouco tempo que nos conhecemos e mesmo assim eles estão ali demonstrando tanto afeto. Isso me faz refletir sobre o quanto é importante demonstrar nossos sentimentos. As crianças não possuem receio algum de fazer isso. Sejam eles sentimentos bons ou ruins. Isso é puro, divino e acima de tudo humano! Hoje acompanhei novamente um aluno que já mencionei aqui em outras observações. Ele passou um tempo sem frequentar a escola e com a chegada da pandemia, ele está bem atrasado. Pelo que observei e conversando também com a professora, além de "perder" o aprendizado que adquiriu na pré-escola, o aluno não possui também noção de conteúdos básicos do cotidiano como altura, direção, contagem simples de 1 até 10 e as letras do seu próprio nome. Ele também não sabe o que são vogais e consoantes. Perguntei à professora o que a escola costuma fazer nesses casos, ela informou que a escola tenta ajudar com os programas de reforço, mas sem o acompanhamento da família torna tudo mais difícil. Ela explicou que esse aluno vive em uma situação delicada. A mãe possui também outros filhos pequenos e é usuária de drogas.

Muitas vezes o aluno chega sujo na escola. Teve um dia que a professora precisou dar banho no aluno para conseguir continuar a aula. O aluno também falta muito e com isso se torna quase impossível obter uma aprendizagem significativa diante dessa situação. Finalizo o dia bem reflexiva em relação a esse aluno e pensando em quantas crianças estão na mesma situação dele. Nesta semana de votação do 2º turno, desejo um país livre das desigualdades sociais. Precisamos de governantes mais atentos a situações de pessoas em vulnerabilidade social. Meu voto é pela esperança, pelo combate à fome e à miséria. Voto para uma vida mais digna para as pessoas mais necessitadas. Voto para um mundo melhor para esse aluno e para tantos outros que infelizmente encontram-se na mesma situação que ele.



Elessandra Marques



Regência da pescaria

04/11/2022

Dessa vez a nossa regência foi de matemática. A Dani teve a ideia de resgatar uma brincadeira muito conhecida das festa juninas, a pescaria! Em uma caixa de papelão colorida, colocamos areia e fizemos diversos peixinhos. Em cada um deles contém uma continha de adição ou subtração. Dividimos a sala em dois grupos e começamos. Os alunos ficaram muito animados. Ao chamar o próximo "desafiante", eu fazia um anúncio do nome do aluno. Eu estava com vontade de falar:



CADÊ A TORCIDA DO FULANO?

mas eu não queria tumultuar ainda mais a sala. A atividade já estava causando bastante alvoroço e tumulto, ao meu ver positivo (hahaha), mas não queríamos desestabilizar a sala da professora Conceição.

As crianças compraram a nossa ideia e se divertiram bastante fazendo continhas. Foi muito divertido. Cheguei até a suar de tanta energia para conduzir a atividade. Foi realmente muito bom!

Elessandra Marques



Matemática

UMA AULA DE MATEMÁTICA E ARTES

11/11/2022

Ao chegar na sala, todos estavam curiosos para saber qual seria a atividade do dia.



Para a atividade do dia resolvemos explorar a interdisciplinaridade e juntas matemática e artes. Entregamos para os alunos uma folha com um desenho e uma galinha em um jardim. Esse desenho era todo composto por figuras geométricas. Entregamos também diversos pedaços de papéis coloridos. Alguns em formato das formas do papel e outros repicados. O resultado foi de obras lindíssimas e bem curiosas. Muitos colocaram as figuras nos locais correto. Outros resolveram improvisar e ir colocando pedacinhos até preencher toda a figura, o que não teve problemas já que a proposta era ser livre mesmo. Alguns usaram tanto a criatividade que fizeram até um rosto na barriga da galinha(kkkkkk). Depois com a autorização da professora, colocamos tudo em um mural na parede.



Elessandra Marques

BOR-la-BO-gar-LE-ta-TA

Começava o semestre 2022.2 e eu, já matriculada em Estágio, me sentia ansiosa sobre o funcionamento dessa atividade, já que eu não havia feito o estágio na Educação Infantil de forma presencial. Cheguei atrasada no primeiro dia de aula na universidade e lembro de me sentir um pouco desconfortável ao chegar e me deparar com um silêncio absoluto na sala. Alguns alunos estavam desenhando no quadro algo relacionado com a sua expectativa quanto ao estágio e/ou com a sua relação com a Escola. Um a um iam desenhando, enquanto os outros esperavam em silêncio, e depois comentavam, explicando o seu desenho. Quando chegou a minha vez, eu não sabia bem o que desenhar, mas sabia que deveria ser algo que remetesse ao amor que eu sempre tive pela escola, por estudar, apesar de algumas experiências com bullying, o meu amor por ela sempre sobreviveu e permaneceu intenso. Explanei um pouco desse assunto para a turma e, pouco a pouco, fui me sentindo mais confortável, somando-se ao fato de ter duas amigas na turma: a Milena e a Nágila.

Me surpreendi quando o professor pegou o ukulele e, junto com a turma, começou a cantar uma música que eles haviam ensaiado no início da aula. Me senti tão leve e feliz naquele momento, mal sabia eu que aquela música seria a mesma que cantaríamos no nosso último dia na Escola Alba Frota.

Os encontros na universidade da disciplina de Estágio passaram a ser uns dos meus momentos favoritos na universidade, em que eu me sentia bem, extrovertida, eu mesma, sem timidez ou mal estar. Cantávamos em todo encontro, falávamos sobre os nossos sentimentos e fazíamos trocas sinceras e empáticas. (Espero que meus futuros alunos se sintam assim em minha sala de aula e me esforçarei para proporcionar isso.)

Quando o professor nos enviou o formulário para escolhermos em qual ano do ensino fundamental gostaríamos de estagiar, eu pensei: fico na zona de conforto, de certa forma, por trabalhar com uma série em que já estou acostumada a ensinar no reforço, ou opto por sair da zona de conforto e trabalhar com uma série que ainda não tive contato? Escolhi a segunda opção, aceitei o desafio. Mal podia imaginar que aquela seria uma das turmas que eu mais amaria conhecer, ao ponto de me fazer repensar as minhas certezas quanto às turmas que eu gostaria de trabalhar no futuro. Eu coloquei o formulário em ordem decrescente: 5º, 4º, 3º, 2º e 1º ano. Um tempo depois, o professor divulgou as escolhas que

havia feito, com base nas nossas respostas ao formulário: eu havia ficado no 4º ano A juntamente com o Igor.

Sobre a escolha do 4º ano, fiquei animada e na expectativa de conhecer os alunos e a professora. Quanto à dupla com o Igor, fiquei temerosa, pois não tínhamos ainda trocado nenhuma palavra um com o outro.

No nosso primeiro dia na escola, conhecemos o espaço, alguns funcionários, nossa querida professora Amanda e a turminha espetacular do 4º ano. Aquele também foi o nosso primeiro dia de observação participante na sala do 4º ano A, em que pudemos conhecer um pouco as crianças, a sala de aula e a metodologia utilizada pela professora.

Chegando à Escola, no segundo dia, agora sabendo direitinho o caminho, cumprimentei as pessoas, ainda aprendendo os nomes, mas muito animada pelo dia que se seguiria. Ao chegar à sala de aula, procurei um lugar para me sentar e percebi um dos desafios que enfrentaria nessa etapa do estágio: como fazer a minha observação ser participante. Esse desafio se deu pelo fato de a turminha do 4º ano ser bem tranquila e a professora conseguir mediar tranquilamente o aprendizado deles. Eu e Igor não sabíamos de que forma auxiliar a professora e participar daqueles momentos sempre conduzidos por ela. Diante desse fato, focamos, inicialmente, na parte da observação, para isso fizemos algumas anotações e tiramos fotos da sala de aula.

Era uma sexta-feira, a primeira vez que presenciávamos o momento livre que os alunos tinham após o recreio. Nesse dia, pensei, por que eles brincam e a professora não participa? Por que os adultos também não podem vivenciar esses momentos tão divertidos que podem estreitar as relações deles com as crianças? Aproveitei para me sentar no chão junto com eles e perguntar se eles podiam me ensinar o famoso jogo de virar as cartas com o vento produzido pelas palmas das mãos. Me diverti a bessa.

O desafio da observação se revelou maior após esse momento, pois, quando saímos da sala, ao fim do dia, vi a professora conversar com o Igor dizendo que ele não podia fazer isso. Me aproximei para entender do que se tratava. E descobri que a professora o estava orientando a não tirar fotos dos alunos porque não podia. Até então, pareceu uma instrução normal sem nenhum problema.

No outro dia, contudo, o professor conversou conosco dizendo que a professora havia reclamado com a Andréa, a diretora, sobre mim e o Igor. O professor nos orientou a não anotar e nem tirar fotos sem a permissão

da professora e estendeu a orientação a toda a turma. Me senti mal e desconfortável, mas relevei e averigui como estava o ambiente da sala naquele dia, se a professora estava estranha conosco, mas tudo parecia tranquilo, e a professora Amanda continuava atenciosa conosco como em todos os outros momentos.

Alguns dias depois, a professora Amanda me mandou um áudio informando que o professor Eduardo havia ido se desculpar com ela por mim e pelo Igor, deixando ela assustada com o mal entendido. Segundo ela, ela havia falado com a diretora para se certificar de que não podíamos tirar fotos e não para reclamar da gente. A melhor parte foi quando ela declarou o quão feliz estava de nos receber e de poder contribuir de alguma forma com a nossa formação. Meu coração sentiu um grande alívio naquele momento e daí em diante minha relação com a professora Amanda só cresceu. Em diversos momentos, ela me aconselhou sobre as fases do concurso, me dando dicas, me parabenizando. Toda essa vivência também me ensinou sobre resiliência, sobre a importância da parceria entre os funcionários da escola. Espero encontrar pessoas do coração tão bom quanto a professora Amanda.

Ainda nos momentos de observação, conheci as crianças Venezuelanas e um pouco das suas histórias, que experiência única. Aprendi com elas que a comunicação não se faz apenas com palavras, mas com olhares, com intencionalidade, com empatia. Quando elas chegaram, encontrei minha forma de participar, e não apenas observar. Falei para a professora Amanda que eu poderia realizar atividades adaptadas com elas e as auxiliar no que fosse necessário. Amei conhecer vocês: DALVI, OSMELL, ANTÔNIO, ALEXANDER E LAURIS, vocês me ensinaram muito.

Eu e o Igor começamos os planejamentos para as regências. No início, eu estava bem nervosa, mas depois fui me encontrando, fui descobrindo e admirando a professora em mim. Me vi feliz enquanto ensinava, mediava e interagia com as crianças. Após cada regência, refletia no que poderia ter sido feito diferente e no que poderia fazer nas próximas aulas.

No último dia, recebi um abraço coletivo dos meus pequenos e uma cartinha escrito: "Uma das melhores professoras que já tive". Me emocionei e pensei: "De todas as certezas que já tive, ser professora é uma das maiores." Obrigada, professor Eduardo. Obrigada, Alba Frota. Obrigada, professora Amanda. Obrigada, meu 4º ano A.

Garbosa Crisálida... BORLABOGARLETATA!

Debora Cunha de Aguiar

Os que "nasceram" e os que "não nasceram" para dar aulas

Desde que comecei a cursar Pedagogia, a minha maior preocupação sempre foi com a parte do estágio obrigatório. Eu poderia resumir essa preocupação como sendo uma questão de timidez, mas acredito que é possível aprofundar mais a respeito.

Quando eu entrei na Pedagogia eu ainda não sabia bem o que eu queria fazer. Sabia apenas que já tinha entrado em três faculdades diferentes – Matemática e Computação na UFC e Telemática no IFCE – e que tinha desistido de me formar no meio do caminho nas três vezes; e queria que dessa vez fosse diferente. Acreditei que se eu tentasse uma faculdade completamente diferente a minha chance de não desistir seria maior.

Acreditei também que se eu fizesse uma faculdade de humanas isso iria acabar me ajudando a superar algumas barreiras sociais que eu tinha, como a questão da timidez. Eu poderia escolher outra faculdade, mas acabei optando por Pedagogia porque cheguei a dar aulas de reforço escolar para crianças de modo avulso algumas vezes e entendi que se ganhasse um diploma seria mais fácil superar as barreiras impostas por aqueles que não aceitavam me contratar para dar aulas profissionalmente.

À medida que eu ia avançando nos semestres da faculdade, a minha compreensão a respeito de o que é Pedagogia ia se ampliando. O que não mudou, porém, foi o meu medo do semestre em que eu teria que ficar responsável por uma sala cheia de crianças, durante o estágio obrigatório. Eu esperava que, conforme eu fosse avançando no curso, eu fosse começar a me sentir mais confiante para que quando chegasse o semestre do estágio obrigatório eu fosse para as regências já não sentindo mais nenhuma insegurança.

Acontece que, quanto mais eu ia progredindo na faculdade, mais a minha compreensão a respeito de o que é uma sala de aula, o que é uma escola para crianças, qual a sua função social ao longo da história e o que ela representa hoje ia se ampliando, e menos interesse eu desenvolvia pela sala de aula. Eu fui ficando cada vez mais interessado por esse aspecto mais teórico crítico da pedagogia e menos interessado em me preparar para o momento em que eu teria a oportunidade de ser mais uma "pecinha" da engrenagem da educação escolar.



É curioso para mim notar que a mesma faculdade tenha atingido colegas meus e colegas minhas de formas tão distintas.

Durante todo o período de estágio eu pude observar a empolgação que a minha colega de regências Debora demonstrava em estar na escola, trabalhar atividades com as crianças e depois elaborar um novo plano de aula para a regência seguinte. Ela demonstrava estar sempre animada com a possibilidade de oferecer algo para aquelas crianças diferente do que elas estavam acostumadas a ver com a professora titular e até chegou a doar o material que nós utilizamos na penúltima regência – o dominó da multiplicação – para a escola para que aquelas crianças pudessem jogar novamente sempre que quisessem.

Talvez isso tenha a ver com aquilo que Pierre Bourdieu chamava de habitus. Quer dizer, se todos nós estudamos as mesmas matérias, mas desenvolvemos visões distintas a respeito do que é estar em uma escola para desenvolver o papel de dar aulas para crianças, e enxergamos as limitações que o ambiente impõe de formas tão distintas, uma notadamente mais otimista e outra bem mais pessimista, certamente a explicação não está no conteúdo que vimos na faculdade.

A questão é que tem algumas pessoas que parecem que "nasceram" para dar aulas para crianças e outras que parecem que "não nasceram".

Nesse sentido, acredito que o meu desempenho nas regências se encaixa melhor no do grupo dos que "não nasceram". Porém, quando a gente cursa Pedagogia a gente aprende que esse conceito de dom é apenas

uma forma de camuflar as vantagens que algumas pessoas recebem e outras não recebem ao longo da vida que as propiciam seguir determinados caminhos.

Mas eu não estou querendo com isso lamentar alguma desvantagem que eu tenha tido para desenvolver de um modo considerado "bom" as atividades de regência. Apenas estou apontando que diversas formas de enxergar a escola podem existir e conviver harmonicamente, e ainda trazer benefícios mútuos. Quer dizer, ao enxergar a escola de forma mais otimista, alguém como a Debora pode enxergar oportunidades de ensino de momento que alguém mais pessimista não percebe. Ao mesmo tempo, alguém mais pessimista pode perceber melhor as limitações que o sistema impõe como um todo para enfim apontar possíveis soluções para elas.

Igor Shayder Marreiro

Conhecimento de si e do outro

Enquanto aluno oriundo do ensino público e futuro professor da rede, vivenciar o chão da escola pública é sempre um prazer. Fazer parte da turminha de 1º ano B da Escola Alba Frota, sob supervisão da professora Ana Paula, foi uma experiência incrível, apesar de efêmera. Confesso que nos primeiros dias me senti um pouco deslocado, com aquela sensação de já ter chegado em um momento em que as coisas já estavam encaminhadas, então não teria mais com o que contribuir. No entanto, com o passar do tempo, esse pensamento foi sendo superado, à medida que sentia o acolhimento da professora e da auxiliar de sala, as quais se propuseram a explicar, já no primeiro dia, sobre a rotina da turma, suas particularidades, defeitos e potencialidades. Esse momento para mim foi muito importante, pois me senti bem recepcionado e já como parte da equipe que estaria ali para somar.

Além disso, fui apresentado às crianças, e receber o carinho e a receptividade delas não teve preço. Foi igualmente importante para mim, nesse processo, a parceria de estágio que firmei com o estudante Ítalo, que já estava na turma, mas foi muito paciente e me forneceu total apoio e abertura para que eu também pudesse contribuir com aquela realidade, claro que, sem dúvidas, sob a autorização da professora regente. Felizmente, em todas as regências que realizamos juntos, Ítalo e eu, ela não apresentou resistência em nos deixar intervir e realizar regências em determinado momento da rotina de aulas.

Na primeira regência, que foi sobre o gênero poema (que durou duas aulas devido imprevistos), tive a oportunidade de conduzir alguns momentos, ficando mais próximo da turma e da professora. Devido uma das atividades que foram propostas exigir uma organização da turma em grupos, tive o prazer de coordenar um grupinho de em torno de 6 crianças. A atividade consistiu numa montagem de um poema, que inclusive ocorreu no pátio da escola, conforme pode ser conferido no plano de aula referente a este dia.

Fiquei muito feliz pela confiança, e ainda mais porque a professora fez questão de ficar em meu grupinho e ajudar no que fosse preciso. Nesse momento senti certa proximidade e pude aprender particularidades mais específicas de cada criança, como por exemplo o nível de leitura e escrita em que se encontravam. Notei que algumas crianças já leem fluentemente, outras que estão quase atingindo a hipótese alfabética, um ou outro que ainda demonstra não fazer relação da letra com o som, além de outros que foram capazes

de fazer pareamento entre escritos, o que achei muito interessante.

Nas outras regências, não foi diferente. Quando realizamos, por exemplo, a atividade de produzir figuras geométricas (planas e espaciais) com massinhas de modelar e palitos de dentes foi possível interagir bastante com os pares, pois atuamos tanto no momento antes da atividade, em que relembramos essas figuras geométricas por meio de uma explicação com a turma de forma dialogada no quadro branco por meio de desenhos. Com base nisso, isto é, nessa interação, tivemos acesso ao quanto eles absorveram do conteúdo e conseguiram fixar realmente as figuras geométricas planas e espaciais fixando as principais diferenças entre elas ao articulá-las com objetos do cotidiano.

Dessa forma, confirmamos o que vemos em sala de aula, na universidade, com relação às formas de ensinar. Quando ensinamos algo de forma descontextualizada ao aluno, de modo que ele não compreenda como utilizará aquilo ou em que aquilo está presente, o ensino torna-se desvinculado da prática social, o que para o educando é bastante maléfico, posto que não terá interesse em aprender algo que sequer sabe do objetivo, para que serve, como se aplica no cotidiano, etc.

Na última regência, por sua vez, exercitamos o conhecimento de mundo das crianças de uma forma divertida e criativa. Notamos o quanto alguns alunos têm um capital cultural rico em termos de conhecimento de mundo. A brincadeira consistiu na adivinhação de determinada palavra de alguma coisa do cotidiano deles que estaria escrita e/ou desenhada em um papel que seria colado na testa de um voluntário da turma sem que ele veja o que está escrito. A escolha dessas palavras partiria da própria turma, mas o voluntário, obviamente, não poderia ouvir o combinado. A ideia era que, por meio de dicas dos colegas, os voluntários conseguissem adivinhar o que estava representado.

A maioria das crianças conseguiu decifrar rapidamente, isso porque elas desde cedo estão imersas em uma cultura de multiletramentos, recebendo vários estímulos diariamente, ampliando a cada dia seu capital cultural. Mesmo quando estava escrito panela em algum momento e alguma criança demorasse mais a adivinhar, na outra rodada nem tanto, já que tinha algo como morango, a fruta preferida de alguns deles. Inclusive, uma das palavras da categoria fruta foi escolhida de modo intencional, levando em consideração as preferências do voluntário em questão.

Em outras palavras, isso também possibilitou um exercício de conhecimento de si e do outro.

E isso foi algo legal que também percebi naquela turma: eles apesar de brigarem algumas vezes, todos se conhecem, percebem quando um ou outro falta, isto é, eles já tem um senso de coletividade e de apreciação ao convívio com o outro, o que é muito importante até mesmo para a questão do aprendizado, afinal, um ambiente harmônico, acolhedor, em que temos pessoas com as quais nos relacionamos diariamente e em quem confiamos é capaz de proporcionar grandes voos.

Neste dia, que foi a despedida do estágio, recebemos o carinho das crianças de forma muito calorosa, em especial o companheiro Ítalo já que estava com eles já fazia algum tempo. O retorno, a consideração, o carinho e toda demonstração de afeto dos pequenos são impagáveis. Assim, a nossa despedida não poderia ser de outra forma senão falando da importância que atribuímos àquela turma, isto é, a cada um de um jeito particular, singular. Nesse sentido, "Tio Ítalo", como assim o chamavam, confeccionou um belíssimo poema de sua autoria em que relatava características marcantes de cada um daquela turminha maravilhosa de primeiro ano. Ao final, teve abraço coletivo, foto com as professoras e, claro, chocolates para adoçar a vida de todos.

Considero, pois, que a experiência de estágio em ensino fundamental foi muito gratificante, tanto pela oportunidade de vivenciar o chão da escola pública, pelo qual tenho um carinho especial, quanto pelos aprendizados em si, como ver o desenvolvimento de uma criança de perto. Soma-se a isso, ainda, o fato de saber que nosso trabalho foi reconhecido e apreciado com êxito, o que sem dúvidas também foi muito gratificante. À professora Ana Paula meus sinceros agradecimentos, por toda sua gentileza, acolhimento e ensinamentos. Igualmente à professora Goretti, que muito nos ensinou sobre empatia, respeito ao próximo e às diferenças, enquanto alguém que luta diariamente pela inclusão.

Em síntese, de alguma maneira, todas as pessoas com as quais tive contato na Escola Alba Frota contribuíram de alguma forma com minha evolução, tanto pessoal como profissional. Desse modo, não poderia deixar de agradecer também ao professor Eduardo Loureiro que se dispôs a acompanhar nossa caminhada de perto diariamente na escola, compartilhando boas trocas e experiências. Portanto, meu coração transborda gratidão por toda esta rica experiência que foi o estágio supervisionado.

João Victor Macedo Gomes

De um futuro educador emocionado

No presente texto, exponho acerca das minhas vivências em campo na Escola Alba Frota, na qual realizei o estágio I no Ensino Fundamental. Exponho acerca das minhas expectativas iniciais, até os desdobramentos que tive após essa prática. Por fim, destaco a minha gratidão às pessoas que me acompanharam nesse processo.

Até o momento de iniciar esse estágio, não havia tido nenhuma experiência em Ensino Fundamental I (EF1). Apenas tinha explorado a área da Educação Infantil (EI), espaço cheio de encantamentos e descobertas que brilham os olhos. Minha imagem de uma turma do EF1 era de crianças numa transição dessa fase de encantamento para uma fase de cobranças e notas. Por se tratar de um estágio em uma escola pública, estava ainda mais ansioso por vivenciar essa realidade que tanto quero adentrar e contribuir. Já vislumbrava, devido ao estágio obrigatório da EI, os percalços que enfrentaria e as situações que presenciaria.

Eu estava ansioso para ficar numa turma de quarto ou quinto ano, devido a minha maior aproximação com idades menores, mas mantive-me aberto a qualquer experiência. E no meu primeiro dia, descobri que ficaria numa turma de primeiro ano. Uma turma que continha 20 estudantes, mas que iam em média 14 crianças. Nela, havia duas crianças neuroatípicas, que estavam acompanhadas por uma auxiliar de desenvolvimento. Nos dias que eu iria para a escola, quarta e sexta, aconteceriam aulas de matemática e português, respectivamente.

O primeiro contato com a turma foi caloroso, cheio de olhares curiosos e abraços de conforto. Eles estavam em uma aula sobre letra bastão e letra cursiva, e durante a aula mesmo, fui introduzido a quem eram esses estudantes e como funcionavam as aulas. No decorrer da aula, a professora foi me contando que tinham 5 crianças que já liam, quais os que escreviam autonomamente e quem eram aqueles que tinham um movimento maior, e assim, precisam de uma assistência maior.

Incomodou-me uma estratégia utilizada de marcação de pontos, na qual aqueles que acumulassem três pontos ficariam sem intervalo. Esses pontos eram marcados se a criança ficasse em pé, ou gritasse, ou impulsionasse alguma movimentação dos demais. Logo percebi a seriedade que isso tinha para as crianças, que pontuavam à professora movimentos que gerariam pontos para os colegas. Porém, mesmo assim, todas eram tomadas pelo seu impulso interno de movimento e socialização.

Com os dias, passei a me aproximar da professora e trocar ideias com ela e com a auxiliar de desenvolvimento. Passamos a ter uma relação de cooperação, na qual ela me buscava para ajudá-la em algo e eu tentava apoiá-la. Assim como ela me ajudou, tanto conversando, quanto eu observando-a; a pensar a minha prática profissional e pessoal. Pensar em como posso produzir reflexões que me permitam fazer e refazer o meu eu profissional, diversas vezes e a partir de várias experiências. Também levando-me a tomar desdobramentos sobre a forma como eu me relaciono com o outro, com as crianças e, principalmente, com as antíteses que irei me deparar durante a vida.

Ao iniciar o período de regências, deparei-me com um outro lado daquela vivência. Estava bastante nervoso, mas aberto a falhar e aprender. Combinei com a professora de propor revisões de conteúdos já estudados, para que servisse de fixação. Dessa forma, trabalhei com o gênero textual receita, com rimas, com a leitura de conto e poemas. Tive contratempos que fizeram com que eu dividisse uma intervenção em dois dias, mas o feedback mais importante eu recebi: o das crianças.

A cada atividade, fui percebendo melhor a turma, analisando as potencialidades de cada um, e tentando ajudá-los em suas fragilidades. Com a ajuda final de um companheiro de estágio, pude ter momentos de qualidade com grupos menores, o que me permitiu um acompanhamento melhor com algumas crianças. O que me motivou, grande parte deste estágio, foi a alegria de cada criança na hora que eu chegava na sala, e eles já vinham me perguntar qual era a proposta do dia, pontuando que aquele seria um momento divertido. Dentro de um ano na qual era muito cobrado a eles o ler e escrever, poder propor atividades que os ajudassem a desenvolver essas habilidades de forma mais leve e lúdica, foi extremamente gratificante.

No meu último dia com a turma, o clima de saudosismo, que já estava comigo desde dias antes, expandiu-se. Propusemos uma intervenção de despedida e li para eles um poema de cordel, na qual havia feito um estrofe para cada um, como forma de gratidão por todo o amor e afeto que recebi da turma. Recebi um abraço coletivo e percebi a dimensão que tinha sido aquela troca.

Concluo esse estágio muito diferente do que entrei, e fico muito feliz por isso. Aprendi muito com cada criança, e com cada troca com todos aqueles que tive a oportunidade de partilhar em conversas e/ou outras interações. Assim, deixo minha gratidão e amor à Quitéria

(minha colega de olhos brilhantes), Aurora, Valentina, Emanuel, Sofia, Emilly, Vitória, Pablo, Ana Carolina, Isaac, Samuel, Arthur, Emanuelle, Lorena, Davi e Matheus. Agradeço também a Paula, Goretti, Idalice e Pompéia pelo acolhimento. E também ao professor Eduardo Loureiro por tamanha paciência e empatia com nós, estagiários em luta, por seus ensinamentos, pelos seus relatos cheios de sentimento e poesia, pelos lanches, e pelo seu ukulele. E a todos meus colegas dessa disciplina, pelas partilhas e conversas em pé no ônibus.

Aqui me faz
Relembrar o eu
De um passado
Parece nem meu
Mas de uma energia
Que já me envolveu.

Vejo livro
Pronto pra recortar
Um estojo pintado
Carão pelo ar
"Ei senta do meu lado
Tenho coisa pra te contar".

Ânsia pelo intervalo
De olho na explicação
Debaixo da mesa
Escondido, degustação
"Ei tô comendo,
Deixa ela vê não".

Ah! As cartinhas
Pensei que não veria
Mas é um monte
E ainda tem correria
"Bate, olha a minha,
Pensei que hoje teria..."

Corredores na muvuca
De encontro de energias
Distantes e tão perto
Quem num sabe, deveria
Olhe de cima
Pra ver as sinergias.

Hoje observo
Tentando proporcionar
Os afetos que não tive
Pelo corredor escolar
Mesmo com olhos marejados
Me permito relembrar.

Ítalo Gomes Silveira

Completa e feliz

Esse estágio começou de maneira diferente, por ter sido aprovada no concurso, precisei ser matriculada nas disciplinas pendentes do último semestre. Tive a sorte de ser matriculada nessa disciplina justamente com o professor Eduardo, que conheci durante a pandemia, na disciplina remota de didática.

Minhas expectativas não eram altas, pois entrei já no final da parte prática, tendo apenas quatro encontros na instituição. Não tive tempo suficiente para conhecer melhor alunos e professoras, nem de criar conexões com todos. Mesmo assim, eu tinha a expectativa de ver como aconteciam as aulas, quais as metodologias usadas pelas professoras, como elas organizavam as atividades a fim de que as crianças prestassem atenção e participassem e como elas lidavam com situações de conflito e imprevistos.

Pude perceber muita coisa e aprender também. Sempre quis saber como as professoras aplicavam atividades de leitura para a turma mesmo sem todos os alunos saberem ler, e em um dos encontros pude presenciar um momento desses, em que a professora passa a atividade de leitura, dá as instruções para toda a turma, principalmente para aqueles que já sabem ler sozinhos, e depois faz um acompanhamento individual com aqueles que ainda estão aprendendo.

Também possuía curiosidade em relação às aulas de matemática, se as professoras faziam uso de jogos e brinquedos, se tornavam a aula mais lúdica e dinâmica para conquistar o interesse dos alunos. Infelizmente, durante os encontros na escola, não aconteceu de eu presenciar uma aula de matemática. Nos dias destinados para o estágio, as aulas eram de português e formação humana.

Conseguí sanar curiosidades sobre como organizar a sala, as mesas, como me comunicar e o que fazer para conquistar a atenção de todos. Alguns aprendizados: os alunos adoram jogos e brinquedos, envolver esses materiais nas atividades pode ajudar a conquistar sua atenção e a ensiná-los de maneira mais fácil; eles adoram histórias, desenhar é uma ótima ferramenta para exercitar a criatividade e a imaginação da turma; a melhor maneira de conquistá-los é sendo simpática, dando atenção e se mostrando interessada, é importante manter isso durante toda a prática como professora; e, por fim, alfabetizar é um processo gradual que requer paciência e dedicação.

Fiquei muito contente com a experiência do estágio, apesar de curta e rápida. Conhecer pessoas e espaços novos, adquirir novos

conhecimentos e ter novas experiências foi bom para mim. Apesar da rotina cansativa, consegui aproveitar bem os momentos.

Esse processo também me tranquilizou um pouco em relação à ideia de estar me formando e, a partir do ano que vem, já ser uma professora e assumir pela primeira vez uma turma. Na minha cabeça, ainda não estou pronta (se é que alguém fica pronto um dia). Mas poder ter um momento de atividade com os alunos e conseguir passar para eles o que eu havia planejado me fez refletir que talvez eu já seja capaz de ser professora, mesmo com todo o medo e insegurança. Ser professor não significa saber de tudo e não errar, mas sim, sempre buscar aprender mais e se aperfeiçoar, tirar dos erros aprendizados para ser diferente.

Essas foram minhas expectativas, aprendizados e reflexões. Posso dizer que sou muito feliz por ter escolhido a educação. Estar na escola é me sentir completa e feliz.

Hillary Leite Saraiva Evangelista

Reacendendo a chama interior

O estágio é por muitos esperado e por outros temido. Comigo não foi diferente.

Por não atuar ainda como professora e não ter experiência em sala de aula, passei a graduação imaginando como seriam os estágios, esperando a oportunidade de aplicar o que havia aprendido e aprender com quem tinha experiência, mesclando os dois mundos. Sempre receava que, ao vivenciar essa experiência, descobrisse haver escolhido a profissão errada ou não ter vocação, e essas incertezas me assombraram o curso inteiro.

No primeiro dia, logo antes de entrar na escola já passei pelo constrangimento de ficar sem os solados dos sapatos. A vergonha tornou o início muito difícil, pois não conhecia ninguém da minha turma e nem o professor. Meu primeiro contato foi encolhido no canto com uma par de solados nas mãos. E isso foi a única coisa ruim que aconteceu, pois fui muito bem recebido pela equipe tanto dos alunos da UFC quanto pelo professor e por todos da escola. Do porteiro à diretora, todos foram muito simpáticos, tentando deixar o clima leve e se mostrando sempre muito atenciosos e prestativos.

Ao entrar na sala da turma do 2º ano C, um mundo novo se abriu para mim, um misto de emoções surgiram, conheci a minha parceira de estágio minutos antes de entrar na sala e ao entrar fomos muito bem recebidos pela professora que nos supervisionaria, sendo

apresentados à turma logo em seguida. O olhar das crianças ao me verem foi no mínimo cômico, pois misturava um sentimento de surpresa e medo ao mesmo tempo. Estava escrito em seus rostos a seguinte pergunta: Quem é esse homem tão grande e da voz tão grossa? Minha reação não poderia ser diferente, apenas me contive para não cair na gargalhada.

No decorrer dos dias de observação, fui aos poucos me aproximando dos alunos, sempre respeitando o tempo e o espaço deles e da professora, tentando não ultrapassar nenhum limite e sempre me disponibilizando a ajudar no que fosse pedido, me tornando útil ao ajudar os alunos a resolver as atividades propostas. Pouco a pouco, os alunos se aproximavam e solicitavam minha ajuda e isso me enchia de alegria, pois para mim isso era um sinal que estava no caminho certo.

O que mais me impactou nesse estágio foi ter conseguido atuar de maneira ativa no que foi proposto tanto na observação das aulas como ao aplicar as intervenções, e ser acolhido e respeitado pelos alunos. Foi uma experiência única e especial conseguir a confiança dos alunos, em especial dos que tinham maior dificuldade de aprendizado.

O maior presente que ganhei nesse estágio foi o reacender da chama interior que estava muito enfraquecida com o decorrer dos anos. O fato de ter conseguido criar um laço de confiança com o aluno que tinha um grande problema de aprendizado e de socialização, e ver a evolução dele nesse período, foi algo indescritível para mim. Saber que posso fazer a diferença na vida dessas crianças de maneira significativa, ajudando-as a evoluir para ter uma melhor qualidade de vida, me mostrou que estou no caminho certo e que tenho muita coisa ainda a viver e muitas vidas para ajudar.

Como é o esperado de um estágio, tive uma experiência de aprendizado indescritível que superou em muito as minhas expectativas. Pude conhecer pessoas incríveis, tive uma supervisora maravilhosa e uma parceira de equipe que não poderia ser mais compatível e especial. Foi uma honra e um privilégio passar esse período de aprendizado com elas, ter conhecido essa escola que me acolheu tão gentilmente e me deu a oportunidade de passar esse tempo aprendendo com uma turma tão complexa, eclética e maravilhosa. O abraço que recebi dos alunos no meu último dia ficará marcado em meu coração para sempre.

Leandro Brainer Pires

Dei uma de metida e me aproxiguei entre eles

Nos primeiros encontros da disciplina de Estágio, me senti bastante confortável. Parecia que eu estava voltando pra casa em rever o professor Eduardo, que muito me marcou ao longo das minhas experiências na Pedagogia. Depois de tanto tempo de "mal estar" acadêmico devido à pandemia e o pós-isolamento social, volta das aulas presenciais e todas as mudanças mais que radicais em minha vida, iniciar uma disciplina de estágio ministrada pelo Eduardo me fez ter mais esperança de fazer mais do que apenas sobreviver a esse semestre.

Imaginei que essa disciplina de estágio seria, no mínimo, mais bem aproveitada que a anterior. Que eu e meus colegas de turma teríamos mais espaço de fala e dinamismo. Acredito que acertei quanto a isso. Mas claro que eu não poderia saber o que mais acompanharia tal liberdade e dinâmica... Mas logo vi: Organização! Motivação! Desafio! e Incômodos! (Relaxa que tudo isso é positivo).

Primeiro, a organização ou a simples busca por tê-la e mantê-la já enche o coração de qualquer estudante universitário trabalhador. Logo de cara, tive tal prazer. Em seguida, vem a motivação, a paridade de nossas trocas. O poder da fala e escuta fez com que eu me sentisse capaz de encarar o desafio que eu já sabia que seria esse semestre. Além de ter conhecido pessoas incríveis durante nossos encontros e poder cantar, dançar, brincar e trabalhar ao lado delas.

Ao iniciarmos as idas à escola, os desafios foram se multiplicando. Era uma correria só. Começa na luta para adicionar uma nova rota à rotina, fazer tudo com pressa para tentar chegar a tempo, escolher entre almoçar ou lanchar de tarde, e economizar dinheiro para mais duas passagens. Coisas simples e comuns, mas contam muito. Ah, se esses fossem os verdadeiros desafios, essa seria a disciplina mais fácil para mim. O grande desafio foi conhecer a turma e a professora, adentrar no universo do 2º ano A da Escola Alba Frota.

A nossa recepção, minha e de minha dupla maravilhosa (Taci), foi um tanto quanto desestimulante. Ao longo dos encontros, pouco melhorou em relação a nossa convivência com a professora titular da turma, o que gerou diversos incômodos de ambas as partes, mas em compensação nossa relação com a maioria das crianças só crescia. E que crianças incríveis! Inteligentes na mesma medida que agitadas. Uma turma trabalhosa, daquelas que a gente só quer investir e



conhecer cada vez mais, mas que demanda tanto trabalho quanto energia.

Mas tudo na vida dá-se um jeito e, ao conhecer a professora PR2, que ficaria com a turma nas tardes de quarta-feira, eu e Taci nos sentimos mais acolhidas e tivemos mais espaço para planejar nossas intervenções com a turma. Desse momento em diante, buscamos manter um bom vínculo e comunicação com ambas as professoras.

Antes da nossa primeira intervenção, a turma recebeu mais duas crianças. Novas demandas surgiram em relação a comunicação e inclusão, já que os dois irmãos novatos não falavam e nem entendiam nossa língua. Para dificultar ainda mais, nós também nem sequer conhecíamos o dialeto deles.

Como incluir essas duas crianças em nossos planos? Como fazer com que participem ativamente das experiências propostas? Tais questionamentos nos deixaram preocupadas, mas sabíamos que só descobriríamos tentando. E assim foi.

Nas tardes que não tínhamos intervenções, me propus a me aproximar dos curumins venezuelanos e posso dizer que me encantei com o jeito deles. As risadas e conversas paralelas durante as aulas, a forma como reagiam aos comentários das demais crianças e como faziam caretas para os adultos quando eram encarados... Tudo isso me cativou demais. Me aproximar deles foi difícil devido à timidez inicial que eles tinham: escondiam os cadernos e viravam os rostos quando me aproximava e me acocava próximo a eles. Até que percebi uma forma de chegar neles.

Os meninos adoravam olhar para as imagens de animais na parede e prestavam muita atenção nos momentos em que as professoras escreviam algo na lousa, principalmente na hora da agenda. Notei também que os dois tinham caderninhos cheios de desenhos e palavras soltas, e foi aí que dei uma de metida e me aproxiguei entre

eles. Comecei a riscar um pedacinho da página do caderno de um deles, escrevi letras, palavras e desenhos enquanto falava o que estava fazendo. Após alguns instantes paralisados, eles abriram dois sorrisos largos para mim e, desse momento em diante, me considerei bem-vinda.

Ajudava eles na hora da agenda, brincava de desenhar animais, pessoas e qualquer coisa que eles apontassem de dentro da sala... Nossa, como riam. Aquilo nos fazia feliz e assim descobrimos: vamos fazer uma intervenção onde todas as crianças possam criar livremente o que quiserem com folhas, lápis e canetas. "Agora é a vez deles de desenhar!", pensamos.

E deu certo! Tivemos três tarde da mesma intervenção dividida em etapas e que abordava os temas: leitura, desenho livre, conversa e escuta. Lemos poesias, apreciamos ilustrações, criamos nossas artes livremente sentados no chão, construímos espaços e expomos para a turma nossas criações nas paredes da sala. Ver as crianças envolvidas em tais momentos, aquela turma enorme e barulhenta se soltando uns com os outros sem conflitos, foi uma vitória prazerosa!

Ao concluirmos nossas poucas porém felizes tardes de intervenção, tivemos a certeza de que fizemos algo com/para aquelas crianças, construímos juntos momentos e tivemos trocas riquíssimas. Talvez tenha aprendido com eles bem mais do que os ensinei e minha despedida se resumiu em uma palavra: Gratidão!

Agradei a todas as crianças! Agradei as professoras que nos acolheram (do jeito delas). Agradei a Taci pela parceria diária e ainda pretendo agradecer a mais pessoas dessa disciplina antes do seu fim!

Saudades!

Maiara Matos Marques

A despedida, dolorida

Meu 1º ano B
Tenho algo a lhes dizer
Na verdade tenho mesmo
É que lhes agradecer
Por esse carinho e amor
Que veio me aquecer.

Cachos decididos
Muita personalidade
Vitória é presença
Deveras tenacidade
Com sua voz alta
Exige afetividade.

Dançarino e engraçado
Davi, o grande
Sua presença pra mim
Foi muito marcante
Inteligente e ligeiro
Davi é atacante.

Vocês são sinônimos
De esperteza num lugar
Quem vem aqui
Há de falar
Que carinho imenso
Esses pequeno tem pra dar.

Pablo em seu lugar
Com muita atenção
Olhando sua volta
Com seu grande coração
Menino do olho brilhante
Que gerou inspiração.

Criança singela
De gentil olhar
Sempre acompanha
Com seu jeito particular
Quitéria encanta
Mesmo com pouco falar.

Pequenos de tamanho
Mas grandes de coração
Construídos em histórias
De luta e superação
Não é fácil sobreviver
Na nossa atual nação.

Ana Carolina
Num vou esquecer
Abraços surpresas
Igual sol no amanhecer
Gentil e atenciosa
Amizades a tecer.

Não posso esquecer
Do grande expressar
Com seu jeito próprio
Matheus há de comunicar
Com seu sorriso e altivez
O mundo que vem a enxergar.

Aqui tem sereia
Pronta a levantar a mão
"Eu sei a resposta"
"Eu tenho a solução"
Essa é Aurora
E sua grande prontidão.

Amigo Isaac
Com cartinha na mão
Se mostra esperto
E com muita intuição
Seu sorriso é sincero
E anima meu coração.

Também tem Goretti
E sua simpatia
Amei ter comigo
A sua companhia
Desejo pra sua vida
Diversas alegrias.

Tem Valentina
Presença sentida
Menina brilhante
Energia extrovertida
Contagia toda gente
Com sua aura divertida.

Junto do Isaac
Samuel é amigão
Me ensinou o que é bafo
De vitória à ação
Traz alegria pra turma
Tamanha movimentação.

Pra finalizar
Tenho que agradecer
Professora Paula
Que me permitiu ser
Se pôs no meu lugar
Nunca hei de esquecer.

Há também Naruto
Sempre a observar
Ativo, esperto
Opinião sempre a dar
Nosso amigo Emanuel
E seu gigante abraçar.

Na atividade passada
Arthur foi grande ajudante
Construções com massinha
Inteligência abundante
Te conhecer eu nomeio
Como gratificante.

Inteligentes e gentis
São sol no verão
Grato mais uma vez
Por calorosa recepção
Levo vocês
Em meu coração.

Sofia, fila 3
Grande leitora
Concentrada no escrever
Vai ser grande escritora
Mesmo em silêncio
É grande semeadora.

Jóia da turma
Emanuele é também
Engajada e engraçada
Pessoa do bem
Amiga de todos
Conexão, além.

Ítalo Gomes Silveira

Tem uma garota
Que vive rosa
Alegre e decidida
Recepção amistosa
Emilly também é colorida
Simpática e talentosa.

Pouco contato
Tive com Lorena
Houve desencontros
Mas a vi serena
Aprendendo em seu lugar
Sobre formas e poemas.

De volta para a FACED

Último dia na escola. Cantando "Pessoa boa" mais uma vez, com o acréscimo generoso do violino da Luanna.

Me despedindo aos poucos de cada pessoa da escola. Recebendo do Jeová, pequenas mudas de suculenta. Distribuindo essas mudas para cada estudante: pelo menos quatro horas de sol e água quando a terra estiver seca. Correndo pelo centro em busca de copos plásticos para o lanche, que eu havia esquecido.

Me despedindo aos poucos de cada pessoa. Apreciando as apresentações das turmas no projeto Copa do Mundo. Lamentando a escola não ter ainda um sistema de som decente para ouvirmos bem. Imaginando por que as crianças que gritam a plenos pulmões no recreio apenas sussurram diante de um microfone.

Me despedindo aos poucos. Comendo o último lanche, primeiro no refeitório, depois no banco do pátio, enquanto Ítalo concluía um longo poema e Maiara e Taciane recortavam

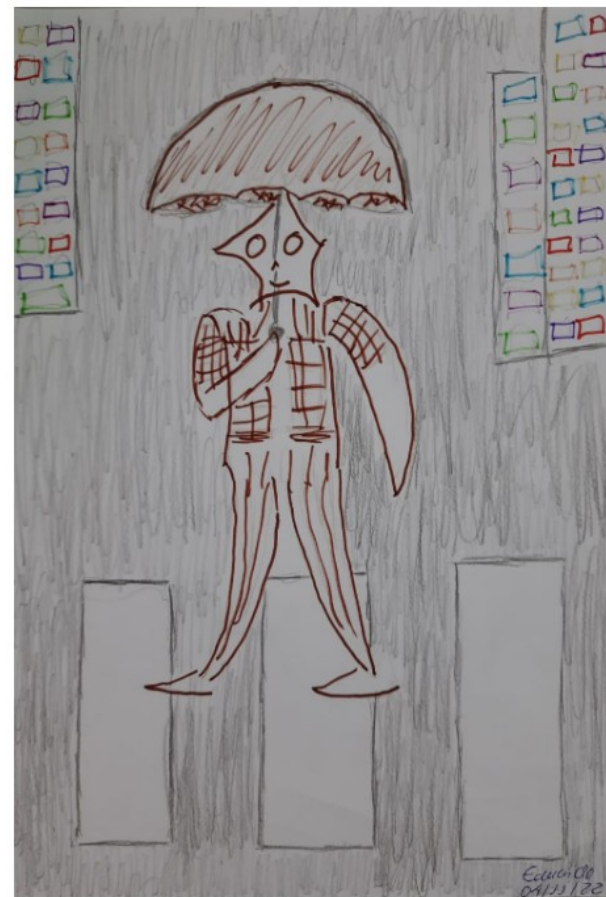
perguntas. Vendo as crianças da Maiara e da Taciane responderem animadamente essas perguntas enquanto subiam a rampinha do pátio. Ouvindo espantado, como Hillary e Magno, uma menina dizer que Uno não era jogo pra criança. Imaginando uma mãe que adora Uno querendo jogar sem crianças.

Me despedindo. Abraçando com carinho sincero e mútuo uma professora que, no início do semestre, se mostrava meio indisposta em nos receber. Ouvindo que as portas estão abertas para nos receber ano que vem.

Caminhando até a FACED. Passando por dentro da Cidade da Criança, onde ficava a Escola Alba Frota quando lá me alfabetizei. Lembrando que esquecemos de tirar uma foto nossa lá na escola. Entrando em ruas menos conhecidas, vielas, bequinhos.

Chegando na FACED com a sensação de dever cumprido e com vontade de tomar uma água de coco bem geladinha.

Eduardo Loureiro Jr.



Professores e estagiária(o)s da UFC (2022.2)
agradecem professora(e)s, funcionária(o)s e crianças
das escolas.



Para ouvir a canção,
aponte a câmera do
seu celular para o
QR CODE ao lado.

